

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS -UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ- CEST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

MARIANY MARTINS SANTOS

**CONSTITUINDO UMA PESQUISA AUTOETNOGRÁFICA A PARTIR DE MINHA
TRAJETÓRIA DE COMUNICADORA INDÍGENA MAYORUNA**

TEFÉ- AM

2023

MARIANY MARTINS SANTOS

**CONSTITUINDO UMA PESQUISA AUTOETNOGRÁFICA A PARTIR DA MINHA
TRAJETÓRIA COMO COMUNICADORA INDÍGENA MAYORUNA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA

Área de concentração: Teoria, História e Crítica da Cultura.

Linha de pesquisa: Espaços, memórias e configurações sociais.

Orientador: Dr: Guilherme Gitahy de Figueiredo

TEFÉ-AM

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S237cc Santos, Mariany Martins

Constituindo uma pesquisa autoetnográfica a partir de minha trajetória de comunicadora indígena Mayoruna :
Constituindo uma pesquisa autoetnográfica a partir de minha trajetória de comunicadora indígena Mayoruna /
Mariany Martins Santos. Manaus : [s.n], 2023.
86 f.: color.; 29 cm.

Dissertação - PPGICH Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.

Inclui bibliografia

Orientador: Figueiredo, Guilherme Gitahy de

1. Experiência . 2. Comunicação . 3. Indígena. I. Figueiredo, Guilherme Gitahy de (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Constituindo uma pesquisa autoetnográfica a partir de minha trajetória de comunicadora indígena Mayoruna

**CONSTITUINDO UMA PESQUISA AUTOETNOGRÁFICA A PARTIR DA MINHA
TRAJETÓRIA COMO COMUNICADORA INDÍGENA MAYORUNA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas –UEA.

Área de concentração: Teoria, História e Crítica Cultural

Linha de pesquisa: Espaços, memórias e configurações sociais

Tefé, 15 junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Guilherme Gitahy de Figueredo – Orientador
Universidade do Estado do Amazonas

ProfºDr. Luiz Davi Vieira Gonçalves- Membro
Universidade do Estado do Amazonas

Profª. Dra. Célia Aparecida Bettiol– Membro
Universidade Estadual Paulista

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus pela força concedida durante árdua caminhada para chegar este momento. À minha família pela compreensão, o meu amigo George Inhumá pela parceria e incentivo para seguir acompanhado a jornada. Aos meus pais, José Valmir Cavalcante Santos e Doracy de Oliveira Martins e o meu amigo Jonison Pontes, que esteve ao meu lado incentivando. Ao meu orientador pela compreensão e amizade concedida, aos meus professores do Ensino superior e Pós-Graduação e Educação Básica, todos que contribuíram de forma direta e indireta neste trabalho.

Este trabalho dedico ao coletivo indígena Mayoruna da aldeia Marajai Alvarães/AM, em especial aos comunicadores os porta-voz do local. Os escoadores da voz ancestral coletiva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, por estar comigo em diversos momentos fazendo-me superar as dificuldades para chegar ao final do curso com grande conquista. A minha família pela força e compreensão durante todo o meu percurso acadêmico, ao meu povo Mayoruna que sempre lutou por Educação, a Universidade Estadual do Amazonas pela oportunidade, ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas pela oportunidade. Meu agradecimento também será aos professores e professoras que estiveram envolvidos no curso de Formação. A todos foram de grande importância na minha trajetória.

Agradecimento especial ao meu Orientador Guilherme Gitanhy de Figueiredo que tem estado comigo junto nessa caminhada. Aos meus amigos de mestrando Andreane, Poliana, Hilkimar, Afrânio e George Inhuma por acreditarem na formação. Os amigos de luta indígena, especial o grupo de comunicação indígena e aos reais companheiros que acreditaram nesta ardente batalha.

Gratidão à força da mãe natureza por tudo que me ensinou, do falar, do escutar do aprender e desaprender, da interação e interrupção na voz ancestral. A minha grande verdade para compreender a significativa parcela e merecido respeito os horizontes do meu povo Mayoruna. Orgulho-me o tempo inteiro, de ser mulher, comunicadora e hoje uma formadora na ciência Mayoruna do Médio Solimões. A voz feminina vem da alma para fazer uma militância para amor.

Palavra eterna gratidão!!

Redes tecedoras de comunicação

Bom esse poema é improviso

Tentem não reparar

Nos erros de linguagem

Que nele talvez irei recitar

É lindo ver a Mary e seus colegas

E essa história inspiradora

E ver a luta para mostrar

Que indígena pode ser comunicadora

Mulher que deseja mudança

E assim ser representar

Que falar sem ser silenciada

Hoje nosso povo chora, porém

Lágrimas de felicidades

Por juntos temos conquistado

Um bem para nossa comunidade

Darlene Ticuna

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM- Estado do Amazonas

CTI- Centro de Trabalho Indigenista

ESC-AM - Escola de Rede Comunitária da Amazônia

FUNAI – Fundação Nacional do Povos Indígenas

MCTI – Ministério da Ciência Tecnologia e inovação

NTICS – Novas Tecnologias da informação e comunicação

IPEA- Instituto de Pesquisa Aplicada

IFAM - Instituto Federal do Amazonas

PSA – Projeto Saúde e Alegria

TICS – Tecnologia da informação e Comunicação

UFOPA- Universidade Federal do Oeste do Pará

UEA- Universidade do Estado do Amazonas

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1- Navegação dos Mayorunas | 29 |
| Figura 2- chegada na terra | 30 |
| Figura 3- Lugar farto | 31 |
| Figura 4- Roda de conversa | 32 |
| Figura 5- As jangadas..... | 34 |
| Figura 6- vivencia na aldeia..... | 35 |
| Figura 7- Comercialização bananeiros | 36 |
| Figura 10- Batida na Sapopemba | 38 |
| Figura 11- Boró..... | 39 |
| Figura 12- Botijão de oxigênio..... | 40 |
| Figura 13- Chapa de ferro..... | 41 |
| Figura 14- Orelhão | 42 |
| Figura 15- Rádio Poste..... | 43 |
| Figura 16- Ponto de Wifi..... | 47 |
| Figura 17- Formação..... | 65 |

Resumo

Cunhando o conceito de viver e comunicar, o trabalho discute as experiências de uma comunicadora indígena em formação, o uso da prática comunicativa indígena para informar o povo Mayoruna, principalmente diante da chegada da tecnologia e a sua apropriação por parte dos comunicadores e moradores. Cada um com suas particularidades. Essa abordagem faz referência à própria atuação da autora do trabalho, que se baseia em autoetnografia e faz parte do contexto em que está inserida, oferecendo assim a possibilidade de análise e reflexão de sua prática por meio da comunicação. Para executar essas ações, foi feita uma aproximação entre a convivência dos comunicadores indígenas e a prática desse trabalho, a fim de lidar melhor com o processo de formação, impulsionado pela realidade cotidiana do contexto social em que ocorre a vivência e comunicação do povo indígena no Médio Solimões. O acesso à comunicação é visto como parte da integração nas lutas sociais, tendo como inspiração a análise do conteúdo diante das questões levantadas ao longo do trabalho. Destaca-se a comunicação como um suporte de apoio validado na prática. Para construir sua própria narrativa, enfatiza-se o que mudou com essa iniciativa pessoal, assim como os olhares para a reflexão sobre a vivência do processo histórico da comunicação tradicional, visto como alicerce para compreender as mudanças e adaptações do lugar que assumiu hoje, abertamente, suas lutas, fortalecimento e visibilidade em defesa de suas inquietações e anseios na vivência do povo indígena.

Palavras chaves: Experiência, Comunicação Indígena, Formação, Tecnologia.

ABSTRAT

Coining the concept of living and communicating, the work discusses the experiences of an indigenous communicator in training, the use of indigenous communicative practice to inform the Mayoruna people, especially given the arrival of technology and its appropriation by communicators and residents. Each with its own particularities. This approach refers to the work author's own actions, which are based on autoethnography and are part of the context in which she is inserted, thus offering the possibility of analyzing and reflecting on her practice through communication. To carry out these actions, an approximation was made between the coexistence of indigenous communicators and the practice of this work, in order to better deal with the training process, driven by the everyday reality of the social context in which the experience and communication of indigenous people takes place in the Medium Solimões. Access to communication is seen as part of integration in social struggles, inspired by content analysis in light of the issues raised throughout the work. Communication stands out as a support tool validated in practice. To build your own narrative, we emphasize what changed with this personal initiative, as well as looking at reflection on the experience of the historical process of traditional communication, seen as a foundation for understanding the changes and adaptations of the place it has assumed today, openly, their struggles, strengthening and visibility in defense of their concerns and desires in the experience of the indigenous people.

Keywords: Experience, Communication Indigenous, Technology, Training

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPITULO I- COMUNICAÇÃO MAYORUNA E SUAS COMPETÊNCIAS NO CONTEXTO CULTURAL E SOCIAL | 19 |
| 1.1 Contexto histórico e social dos Mayorunas..... | 21 |
| 1.2 A existência histórica e comunicacional Mayoruna do Médio Solimões..... | 27 |
| 1.3 O processo da comunicação indígena Mayoruna apropriada | 48 |
| 1.3 As vivências na aldeia a partir as novas ferramentas de comunicação | 54 |
| CAPITULO II- DESCOBRINDO A MINHA VOZ COMO COMUNICADORA INDÍGENA MAYOURUNA: UMA JORNADA AUTOETNOGRÁFICA | 58 |
| 2.1Trajetória pessoal como comunicadora indígena Mayoruna | 58 |
| 2.3 As experiências de formação na comunicação indígena mayoruna | 64 |
| 2.4 Desafios e oportunidades na comunicação indígena Mayoruna | 69 |
| 2.5 Escola de Rede Comunitária da Amazônia PSA | 71 |
| 2.6 Projeto..... | 72 |
| 2.6 Telecentro Indígena Médio Solimões | 75 |
| Capitulo III - A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO | 75 |
| 3.1 A comunicação indígena como espaço de formação..... | 76 |
| 3.2 Os caminhos seguidos pelos ajuris coletivos de comunicação indígena | 78 |
| 3.3 Formação do Coletivo Sucudapá | 79 |
| 3.4 A comunicação a serviço de lutas e fortalecimento indígena..... | 81 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 82 |
| REFERÊNCIAS | 84 |
| Anexo | 88 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma longa trajetória no exercício da prática comunicativa indígena, como lugar de formação e descobrimentos de novos espaços e saberes engajados na articulação e anseios que culminam o seu viver e comunicar. A pesquisa discute as experiências de uma comunicadora indígena autora originária da aldeia Marajaí, do povo Mayoruna, localizada no município de Alvarães (AM), região do Médio Solimões.

A jornada desse encontro é a vivência da voz feminina na comunicação indígena que se traduz pela valorização dos conhecimentos tradicionais e o uso das novas práticas relacionada a tecnologia como construções coletivas.

A partir da temática, o trabalho debruça-se sobre a vivência do comunicar como abordagem própria e adequada às ações de uma comunicadora indígena vivente na terra indígena Marajaí (Alvarães\AM). Considerando as formas de comunicação, a vivência do lugar, a cultura e as interações sociais.

A temática da comunicação indígena para o desenvolvimento deste trabalho busca aprofundar o estudo sobre as experiências de uma comunicadora indígena em formação, visando a propagação da informação local na aldeia, utilizando como instrumento a rádio poste Yanekuema como provedora de autodefinição e liderança dentro do contexto da comunicação indígena. Trata-se de uma ferramenta aliada na luta pelo fortalecimento das ações, bem como de utilizar esses importantes meios para sensibilizar a sociedade sobre a veracidade das informações que chegam por diversas mídias como a televisão, internet, rádio e outros meios de comunicação, pois essas chegadas até os povos indígenas buscam conectar a sociedade para reflexão ligada à imagem exótica dos povos indígenas, sobretudo, ao combate o preconceito e a discriminação racial.

A recente chegada da comunicação tem proporcionado a reelaboração de discursos esquematizados pelo estereótipo do "ser indígena". Mesmo que já existam algumas informações sobre os povos indígenas, muitas delas são apresentadas de maneira desarticulada de sua verdadeira história. E para desconstruir esse discurso, os comunicadores indígenas estão passando a utilizar TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) como meio para difundir a quebra desses estereótipos em relação ao exercício de seus direitos, ou seja, a apropriação de uma comunicação voltada para as suas necessidades. De acordo com Souza e Costa (2021), "[..] os

comunicadores utilizam as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como defesa de seus direitos, para reunir seus pares e aliados, causar impacto, preservar suas memórias e sensibilizar os discursos de má fé sobre os povos indígenas".

Conclui-se, então, que esses povos necessariamente precisam estar conectados aos meios das ferramentas tecnológicas, a fim de usufruir de uma mobilização do debate para a promoção e o empoderamento social, bem como para a articulação de ações em torno de suas necessidades.

Nesse sentido, com o intuito de compreender o uso da comunicação a serviço das lutas e do fortalecimento indígena dos Mayorunas, propus-me a colocar na prática o trabalho com ações voltadas à comunicação indígena, bem como processo de formação no tocante as atividades cotidianas realizadas por eles como forma de pertencimento do lugar para consagrar a trajetória de formação na comunicação.

Em união ao estudo do indígena Florêncio Almeida Vaz Filho (2019), que mostra através de sua trajetória como a antropologia pode se tornar uma poderosa arma nas mãos dos indígenas em sua condição de observador indígena, professor e Diretor de Ações Afirmativas na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Com base na união do trabalho de Florêncio, me debrucei na autoetnografia no ambiente de encontro, enquanto mestranda mulher, pesquisadora e indígena do povo Mayoruna. Acompanhada de suas experiências na conceituação do viver e comunicar, e do legado de participação feminina marcada pela conquista de seu espaço.

São através de suas histórias marcadas no tempo que se consagram a origem dos processos organizacionais e comunicacionais do lugar que apresentarei no decorrer do trabalho.

Para nos situar, apresentarei o lugar de onde venho, a aldeia Marajaí, situada à margem direita do Rio Solimões pertencente ao município de Alvarães- Amazonas. Sua população total é de aproximadamente 192 famílias e 926 habitantes, e tem como um dos seus maiores desafios a necessidade de expandir a comunicação indígena.

Os meios comunicacionais são desenvolvidos e trabalhados por comunicadores e comunitários da aldeia, visando estabelecer o fortalecimento das lutas e potencializar a cultura através das interações nas mais diversas atividades tradicionais indígenas.

A aldeia Marajaí é uma das maiores aldeias do município de Alvarães e tem como atribuição a terra sede estrutural para recepção de uma numerosa população que organiza eventos de cultura, educação, saúde, esporte, comunicação e outras

festividades. E como espaço de acolhimento, assistimos serviços para outros povos residentes na proximidade da aldeia com acesso à saúde e a educação para benefícios de criar laços fraternos na partilha do bem comum a todos. Nessa união ao demais vizinhos concretizamos uso da comunicação para estabelecer a soma da coletividade nos diversos espaços, mas, especificamente, da comunicação indígena que se torna uma rede que busca conectar os diferentes povos a serviço de suas demandas locais.

De acordo com a Secretaria de Inclusão Social, entidade ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), nos últimos anos tem sido notável o aumento da presença dos povos tradicionais, destacando-se o uso das ferramentas de comunicação como uma possível forma de ocupação dos diversos espaços. Muitos povos tradicionais têm utilizado a comunicação como instrumento para obter visibilidade social e desenvolver suas demandas e necessidades conflituais.

Nesse novo cenário de profundas e intensas mudanças, o Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA), ligado à Fundação pública do Ministério da Economia, destaca a importância das políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros no acesso às populações tradicionais, visando uma nova forma de convivência social. Através da acessibilidade da comunicação, é possível estabelecer relações capazes de romper estereótipos alicerçados na desigualdade enfrentada pelas populações indígenas, que buscam utilizar a comunicação a seu favor, considerando a relação entre tradição e tecnologia.

Nesse sentido, a presença dos indígenas em espaços liderados por eles mesmos destaca a importância da sua comunicação, compreendida através do “olhar indígena” como uma fonte de conhecimento ancestral aliada à tecnologia, resultando em uma construção coletiva. Essa comunicação vai além da socialização e da promoção de interesses individuais, buscando o fortalecimento das complexas relações e saberes de um determinado grupo.

Foi nesse contexto que meu interesse pela comunicação indígena surgiu durante a minha participação no mestrado, principalmente na disciplina de Epistemologia da pesquisa. Essa disciplina foi um momento de descobertas no campo da comunicação, que ganhou uma nova dimensão através das conversas com meu orientador, ao trazer teorias estudadas e novos pontos de vista que me permitiram descobrir os espaços a partir da comunicação e compreender a singularidade das condições do meu povo. Observando a força da comunicação como suporte aos

povos, promovendo o trabalho da comunicação indígena como articulação coletiva. Aprimorar expectativas das lideranças comunitárias e potencializar a formação de jovens para ampliar a propagação de informações dentro da aldeia,

Entendendo que ao aliar os meios de comunicação, fortalecerão sua própria cultura, além de despertar o interesse dos jovens para a participação na vida da aldeia. Diante disso, propomos a realização deste estudo em três etapas: a primeira está relacionada a reflexão á respeito das dimensões comunicativas e suas características. A segunda dá ênfase as experiências de uma comunicadora oriunda da Terra Indígena Marajaí. E a terceira terá como base o processo de comunicação do povo indígena Mayouruna, propondo a construção do trabalho e suas realizações efetivas na história dos Mayorunas no Médio Solimões. No tocante a comunicação como mediador de vozes a entrada e saída dos povos indígenas na representatividade de espaço, uma vez que se entende que a utilização da comunicação pode fortalecer suas lutas e potencialidades no engajamento e mobilização dos povos indígenas em diferentes espaços.

Essa capacidade comunicativa representa a porta de entrada. Porém, a saída se manifesta pela apropriação desses meios comunicacionais para a promoção do resgate cultural ancestral, bem como o registro das sabedorias milenares através de acervos bibliotecários, com o objetivo de conservar as práticas e a história contada pelas referências locais das comunidades indígenas. Essas referências locais podem contribuir para a valorização da história e cultura do seu povo para as futuras gerações, uma vez que grande parte das comunidades indígenas está perdendo sua língua, suas tradições e sua identidade. Para isso, é necessário gerar a junção da tradição indígena com a modernidade dos meios comunicacionais, possibilitando a preservação das culturas e povos.

De acordo com Renata Tupinambá (2016), em um cenário de violência e disputas por terra, a apropriação das ferramentas digitais de comunicação possibilitou aos nativos serem seus próprios interlocutores, permitindo que estes façam ouvir sua voz e se defendam. Com isso, prova-se que a tradição e a modernidade podem ser aliadas na preservação de suas culturas e povos.

Com base nessas considerações de Tupinambá, podemos utilizar os meios comunicacionais como ferramentas aliadas para recuperar conhecimentos e conectar-se com a diversidade do mundo. Isso significa que a comunicação se tornará uma provedora de evidências para o armazenamento de informações e a consolidação das

tradições das ciências indígenas, introduzidas pelos anciãos multiplicadores do saber em diversas áreas de domínio de suas práticas. Saberes estes consolidam a continuação de suas práticas pelo uso dos meios de comunicação como suporte para novos caminhos seguidos pelos diferentes povos tradicionais e suas atividades organização, manifestação e continuação de tradições indígenas.

Para Nunes (2017), a "Interneticidade: Caminhos da comunicação", que "o guerreiro indígena é hoje, antes de tudo, um intelectual". O tempo evoluiu tão depressa que a atividade do guerreiro indígena, antes, era defender sua comunidade dos ataques de invasores e a sobrevivência da escravidão. No entanto, atualmente, a atividade do guerreiro continua similar, mas ele não utiliza mais suas ferramentas" Tradicionalmente, armas como arco e flechas, bordunas e armadilhas são utilizadas, mas é necessário que os conhecimentos bélicos sejam direcionados para a luta a fim de tomar decisões que sejam potentes e ágeis, incorporando práticas tradicionais e inovadoras por meio da interação com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs).

Essa prática incorporada só pôde ser conceituada através da correlação da prática e da vivência junto referência ao exercício a prática comunicativa de um grupo formalizando uma rede colaborativa de comunicação. Em sentido a realização de ações de comunicação a vivência dessa inovação acompanhou o trabalho de participação entre os comunicadores atuantes. Como primeiro passo no trabalho realizado por esses comunicadores líderes, buscou-se a participação do coletivo de comunicadores que auxiliam no fortalecimento da comunicação local. A existência desses sujeitos está relacionada ao seu envolvimento com questões étnicas. Para compreender suas colaborações, passei a fazer parte do coletivo "Tecedores de Paneiros" que é composto por indivíduos que tecem articulações em diferentes áreas, como audiovisual, teatro, educação, comunicação popular e comunicação indígena. A relação desse grupo brisa a coletividade e espaço de mobilização. E como mobilização, o coletivo indígena Mayoruna são colaboradores voluntários (tecelões).

A partir da troca de experiências desse grupo, tive contato com a comunicação, pois já conhecia a conexão comunicativa do meu povo, através da experiência comunitária interativa com a natureza, porém não conhecia o conceito de comunicação indígena como estudo científico, pois não compreendia que nossos modos de comunicação anteriores eram denominados ancestrais. Além desse primeiro contato houve o desenvolvimento das ações do ajuri de projetos. Iniciei uma

formação a convite da Escola de Rede Comunitária da Amazônia, que foi uma das maiores descobertas que fiz sobre o poder da comunicação como arma de defesa dos povos tradicionais, assim como o trabalho dos comunicadores em suas comunidades.

A escola de Rede Comunitária possibilitou conhecer diferentes formas de comunicação que atuam na Amazônia, tanto indígenas como não indígenas, todas pensadas para uma comunicação comunitária horizontal, falada por sujeitos amazônicos conhecedores da realidade e demandas de suas comunidades, assim como a consciência do uso de ferramentas livres que auxiliem o trabalho coletivo das redes comunicativas. Ao fazer parte dessa escola, tenho me comprometido com os comunicadores para refletir sobre que tipo de comunicação temos, e que tipo de comunicação queremos para nosso povo, pois as questões indígenas sempre fizeram parte da minha vida, mas antes eu nunca havia parado para refletir sobre o poder da conectividade na comunicação.

A palavra comunicação só foi possível conceituar a partir da correlação da prática e vivência junto aos comunicadores indígenas atuantes na comunidade e representantes em diversos espaços utilizando-se dos meios de comunicação para consolidar as suas necessidades, pois acreditam que estão distantes das zonas urbanas, mas que estão conectados ao mundo para ter assistência ao seu trabalho realizado.

Para SOUZA COSTA (2021), “[...] comunicadores utilizam as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como defesa de seus direitos, para reunir seus pares e aliados, causar impacto, preservar suas memórias e sensibilizar os discursos deturpados sobre os povos indígenas”. Neste caso, os povos indígenas precisam estar interligados em meio as ferramentas tecnológicas, a fim de usufruir de uma mobilização do debate para promoção e empoderamento social, além de sua articulação e ações em torno das necessidades dos povos em suas comunidades.

Para a realização desse estudo, fixamos a sequência eventual de uma autoetnografia relacionada entre a formação de uma comunicadora indígena e a análise das dimensões comunicativas e suas características. Essas dimensões destacam a caminhada compreendida pelos princípios da comunicação indígena. Em princípio, esses meios comunicativos foram apresentados como alternativas pelos anciãos, uma geração edificada pelos conhecimentos e valores considerados fundamentais para sua relação humana e não humana. Acreditamos que a comunicatividade sobressai à existência dos aspectos para outros mundos. A

utilização desses saberes tem memória de uma geração familiar, pois todos os costumes e tradições foram moldadas com o tempo e o espaço.

Com isso, a população buscou nova maneira de comunicar incluindo ferramentas que contribuíssem para melhoria de suas demandas na comunidade, visto que povo mayoruna da aldeia Marajaí se torna a cada dia mais populosa do município, seu crescimento da população se multiplicava sem parar no início eram 40 famílias depois 90 e assim sucessivamente. Com esta situação os comunicadores não conseguindo ampliar sua voz para toda comunidade, passam aprender fazer uso da rádio como instrumento para informações locais, da apropriação e a nova relação de comunicação.

Essa nova relação de comunicação tem possibilitado aos moradores uma nova descoberta, posto que antes não se esperava uma voz sonora chegar tão rápido as suas residências e locais de trabalho, hoje a população está acostumada com trilha que ecoa aos quatros cantos da comunidade. Além disso, passam apontar os comunicadores indígenas como mero profissionais da comunicação responsáveis pelo novo estilo de vida e comunicar do povo.

Quando se trata de estudar os meios de comunicação indígena, é importante destacar a trajetória de uma comunicadora e os debates que envolvem a militância e suas vertentes, bem como as ações desenvolvidas para o povo. Isso traz uma ressignificação aos conhecimentos tradicionais, formando indivíduos para conduzir suas lutas e exercer sua atuação no campo da comunicação, além de promover a cultura e mobilização dos saberes indígenas.

Além disso, buscam-se estratégias que atendam às necessidades reais dos povos, levando em consideração seu pertencimento étnico e a viabilidade dos processos comunicacionais. Isso se aproxima da construção de identidade como profissionais atuantes no desenvolvimento da comunicação indígena. Os dados e informações que estabelecem a comunicação se inicia pela representatividade das práticas advindas por meio de luta e propagação de informação externa e interna a favor dos povos, por meio do olhar da comunicação.

Dessa forma, se aprofundará o estudo a propósito das ações comunicativas dando visibilidade no processo de formação e suas práticas como liderança no processo comunicacional. A produção desses dados constitui-se como importante mecanismo voltado para o reconhecimento do trabalho de comunicadora militante na

representatividade de seu povo, assim como a contribuição do papel da comunicação em sua vida.

A compreender a questão da comunicação indígena, realizamos uma pesquisa autoetnográfica com o objetivo de analisar a trajetória das ações comunicativas. Como colaboradora da pesquisa, descrevi o contexto histórico dos Mayorunas do médio Solimões, a comunicação dos Mayorunas, a formação na Escola de Rede Comunitária da Amazônia, os caminhos da comunicação para o projeto Telecentro Indígena, o coletivo Sucudapá e o empoderamento através da comunicação.

Ao optarmos por trabalhar com autoetnografia, escolhemos trabalhar com nossas próprias experiências, relatando nossos anseios e analisando nossas ações no contexto. Diante dessa perspectiva, o primeiro capítulo descreve o panorama histórico sobre os Mayorunas, seus trajetos e a comunicação indígena. A comunicação indígena é um espaço de referência histórica que representa a relação e os fatos ocorridos, com mudanças de tempo e espaço no meio social e comunicacional. A comunicação indígena e suas tecnologias são construções coletivas que permeiam a vivência e influenciam o modo de vida, assim como as mudanças de grupo social emergente durante a transição de uma região para outra, moldando o contexto social e cultural.

O segundo capítulo apresentará e discutirá a voz de uma comunicadora indígena mayoruna, participante da pesquisa. Muitas vezes, é difícil separar a autora da participante na descrição para análise de suas considerações sobre o papel atuante de comunicadora. Ela se sente engratecida pelo trabalho realizado durante as atividades no processo de formação na área da comunicação indígena. Como participante, ela exemplifica a importância de estar no local e fazer parte do espaço de voz feminina, representando as mulheres mayorunas, que são fortes e ousadas o suficiente para ocupar espaços que muitas vezes são divergentes para sua representação enquanto mulheres. Elas são símbolo de parceria e suporte aos companheiros, entretanto, por não terem espaço, suas vozes se tornam frágeis e inválidas.

As interações comunicativas repercutem uma importante reflexão a respeito dos caminhos percorridos pelos povos indígenas na válida ferramenta de potencialização. Essa comunicação indígena tem feito grandes conquistas, mas ainda há muito para se alcançar, pois é necessário seguir a frente como resultado da busca de caminhos consolidando lutas e iniciativas a partir do uso dos meios

comunicacionais para construção de um trabalho coletivo facilitador e dinâmico aos povos indígenas, já que a comunicação tem contribuído para os diversos povos indígenas existentes no mundo a partir de suas necessidades comprovadas por ampliações de suas vozes para ecoar ao mundo.

No terceiro capítulo, serão abordados os caminhos seguidos pelos ajuris coletivos de comunicação indígena, bem como as ações realizadas pela ESC-Amazônia durante o período de formação. Será discutida a escolha das sete regiões, as atividades desenvolvidas, o projeto ESC-Amazônia, o papel dos ajuris nas redes de comunicação do médio Solimões e as parcerias feitas para fortalecer a rede indígena. O primeiro projeto abordado será o projeto ajuri colaborativo, seguido pelo Projeto Saúde Alegria (PSA) e pela Escola de Rede Comunitária da Amazônia (ESC-Amazônia). Serão discutidas as experiências e desafios enfrentados pelo grupo participante dessas ações durante o período de formação, incluindo as aulas online e outras atividades desenvolvidas pelos participantes da escola.

Conclui-se que as interações comunicativas têm um papel importante na reflexão sobre os caminhos percorridos pelos povos indígenas na validação dessa ferramenta de potencialização. A comunicação indígena tem conquistado grandes avanços, mas ainda há muito a ser alcançado. É necessário continuar buscando caminhos e consolidando lutas e iniciativas por meio do uso dos meios de comunicação, a fim de construir um trabalho coletivo facilitador e dinâmico para os povos indígenas. A comunicação tem contribuído para ampliar as vozes dos diferentes povos indígenas existentes no mundo, atendendo às suas necessidades emergentes e repercutindo suas vozes para o mundo.

CAPITULO I- COMUNICAÇÃO MAYORUNA E SUAS COMPETÊNCIAS NO CONTEXTO CULTURAL E SOCIAL

Para compreensão do conceito geral de comunicação fundamenta-se a ideia segundo Ferreira (2005) que diz que a definição de comunicação é como ato ou efeito de comunica-se por diferentes meios. E também, entendida com a capacidade de troca ou diálogo para compreensão entre diferentes contextos. Freire (1977) assegurava que “o mundo social e humano, não existia como tal se não fosse um mundo de comunicabilidade fora do qual é impossível dar-se conhecimento humano”. Assegura ainda que é pela subjetividade que “se estabelece a comunicação entre sujeito a propósito do objeto (FREIRE, 1977, p.65). Para Freire o conhecimento humano se manifesta na comunicação, uma vez que a comunicabilidade se torna relação de interesse entre sujeitos comunicantes participativos na ação comunicativa.

No caso, da comunicação indígena entende-se como manifestação ancestral partilhada da força coletiva de um povo, isto é, a cultura e os conhecimentos tradicionais. A comunicação indígena, além de buscar sensibilizar e autoafirmar, busca desenvolver espaços de diálogos coerentes para mobilização entre o sujeito indígena dito como “tradicional¹” e o indígena ²sujeito de um mundo contemporâneo.

Para Martin- Bárbaro (2014) baseado em Freire, diz: “há comunicação quando a linguagem dá forma á conflituosa experiência do conviver, quando se constituir em horizonte de reciprocidade de cada homem com os outros no mundo. De acordo com autor, o simples ato de comunicação não é apenas servir-se da oralidade (falar), mas de pôr relações do mundo comum ao encontro de outros mundos. Assegura ainda que a “comunicação é ruptura e ponte para a mediação entre dois sujeitos”, por mais próximos que se sintam, está o mundo em sua dupla figura de natureza e história (idemp.30).

Assim é na experiência compartilhada pela vivência entre os homens e seus mundos, que se constitui a ação da comunicação, logo não apenas pelo ato de servir da fala, mas de estar em junção da partilha de mundo, estabelecendo ponto de encontro seja para ruptura, ponte ou mediação, entre sujeitos interativos. Logo, a comunicação pode se manifestar tanto na figura natureza quanto na história dos

¹ Sujeito indígena tradicional dito como indivíduo que vive como modo de vida transparente as formas antigas uso meio físico, sem o uso de mídias digitais.

² Sujeito indígena de mundo contemporâneo compreendido como sujeito que usufruir ao uso de mídias digitais no meio social.

sujeitos comunicativos. Nesse processo de comunicação interativa enfatizamos as ações comunicativas indígenas, distintas pela partilha de significados e a troca de informações envolvendo todo universo de uma comunidade.

A comunicação é compartilhamento de significados em que a troca de informações se dá num processo que se define pela tecnologia de comunicação, característica e códigos culturais entre emissor e receptor, os protocolos e a abrangência do processo comunicativo (CASTELLS, 2019).

Para o autor a comunicação traduz-se pelo compartilhamento de significados, estes podem ser compreendidos com base nos processos utilizados, os quais são definidos pela tecnologia de comunicação como sentença informativa de uma comunidade em que dela utiliza-se como abrangência de participação e interação no meio social e cultural. Assim entendemos que a comunicação como ação pode entrelaçar espaços fazendo ponte, ruptura e mediação entre os diferentes saberes e fazeres.

A comunicação indígena é caracterizada pela combatividade dos diferentes saberes contribuintes para fortalecer e promover uma comunicação pautada na coletividade. Ela não se limita apenas aos saberes e fazeres indígenas, mas também se baseia em conhecimentos próprios aos recém aprendidos ao longo da partilha de diálogos. Ao colocarmos sobre medida a proporção o reconhecimento da questão tradicional ao atual, evidenciamos o padrão da comunicação indígena. A comunicação indígena procura mostrar sua diversidade cultural, a maneira de como se pensa através de vozes indígenas, expandida nos diversos espaços utilizando os meios digitais e não digitais. Tal medida se justifica pela vontade da contemporaneidade.

Essa crescente mudança no discurso refere-se ao fator contribuinte da apropriação da comunicação tradicional pela comunicação eletrônica via internet, que mescla cada vez mais os diversos fatores que elevam as questões indígenas, tais como o uso da literatura, os meios de comunicação virtual e as manifestações culturais representadas em diferentes espaços.

Este capítulo trata das questões da comunicação indígena Mayoruna, buscando situar a discussão sobre a cultura no contexto social. São apresentados os marcos teórico-conceituais, bem como o recorte espaço-temporal, buscando categorizá-los a partir de suas especificidades. Além disso, são explicitadas as informações necessárias para sustentar as reflexões a partir do entrelaçamento de

teoria e a empiria, numa opção com o intuito de apresentar as informações referentes à área de pesquisa. Para compreensão histórica dos Mayoruna, nos centramos na sua origem desde sua criação enquanto povo.

1.1 Contexto histórico e social dos Mayorunas

O processo histórico (Matsés) também chamados de Mayoruna iniciou-se na região de fronteira entre dois países sul-americanos, Peru - Brasil, porém a historiografia localiza os primeiros vestígios encontrados no Peru. Ainda não eram conhecidos no lado brasileiro. Para ilustrar esse dado a imagem mostra a localização geográfica da presença indígena Mayoruna, os estudos apontam a ocupação em território peruano.



[https://: IBGE Mapa com a localização dos Matsés/Mayoruna.](https://ibge.gov.br/geo/maioruna/)

Segundo o indígena Jaime Mayuruna (2021, p.3), o primeiro contato com Matsés foi realizado no Peru em 1969 por duas missionárias do Summer Institute of Linguistics (SIL), que especificamente fundaram a aldeia Buenas Lomas no rio Choba. No lado da fronteira do Peru, os Matsés estão localizados no alto rio Yavari e seus afluentes, como o rio Choba, rio Gálvez e rio Yaquarena, como são chamados naquele país. Nesta localização se perpetua 15 aldeias com uma população mais numerosa cerca de 3.000 pessoas.

De tal modo, a origem Mayoruna se consagrou em território peruano a partir de 1870. E em 1920 foi registrada a presença Mayoruna no Brasil, especificamente na região do vale do Javari, no município de Atalaia do Norte estado do Amazonas.

Para o indígena Mayuruna (2021, p.3), a presença dos povos de origem Mayoruna em território brasileiro concentrou-se no rio Javari. A recente ocupação ao Brasil, consolidou na participação, fundação e organização de lugares como aldeia Lobo e Trinta e Um, ambas localizada a margem direita do rio Jaquirana.

A região de fronteira entre Brasil e Peru abriga a Terra Indígena do Vale do Javari, localizada no extremo oeste do Amazonas, às margens do Rio Javari. Aproximadamente 1.300 pessoas vivem em 11 aldeias próximas à calha dos rios Curuçá e Pardo. A presença indígena Mayoruna no Brasil destacou-se sobre a significação do nome “Matsés Mayoruna”, já que antes não se denominavam por esta classificação no país vizinho Peru.

No lado peruano eram chamados de “Piabo Tamubo Aibo”, representava a denominação referente ao reconhecimento do nome pela origem particular no país descendente. Porém ao estarem do lado brasileiro passaram a se chamar como Matsés que significa “pessoa, gente ou humano” (MAYURUNA, 2021 ,p.6). As definições concentram-se a partir das concepções históricas como resquício da cultura dos ancestrais, já que sempre sobreviveram em meio a diversidade pela transição do contato com outro a partir da construção e reconstrução de saberes entre dois países.

O contexto histórico produzido a partir do século XVI, não representa um povo único, mas sim um conjunto de povos dispersos em várias malocas. Isso significa que dentro da cultura do povo mayoruna existe uma diversidade gigantesca de várias culturas que surgem intercaladas entre si. Dentro da sua denominação se formalizava como sentido amplo organizado de grupo pequeno, que se juntavam formando um grupo maior. Esse grupo maior é composto por diferentes povos que não falavam apenas uma única língua, mas sim várias.

Essa organização interna dos povos se deu pela familiaridade e convivência entre eles. Eles têm formas de chamar os parentes (termos de parentesco), de cultivar suas roças, de criar as crianças, de caçar, de usar remédios naturais e de lamentar seus mortos. Essa particularidade entre os povos foi possibilitada pela convivência estabelecida na formação da grande família Mayoruna, que conviveu por muito tempo no mesmo espaço.

Com o passar dos anos, essa família Mayoruna não se sustentou e foi separada pela divisão dos povos, porém a construção cultural e social desses povos se

consolidou em uma mesma singularidade, já que todos conviviam e aprendiam uns com os outros.

Segundo o Centro de Trabalho Indigenista (CTI,p.14), os próprios Matsés reconhecem a proximidade com os povos pano, com os quais convivem nos dias de hoje, como os Matis e Marubo, e o fato de que eles poderiam ser um mesmo povo que foi separado há muitos e muitos anos. Dentro desse contexto social, percebe-se a semelhança de muitos grupos ao possuírem traços em suas manifestações culturais que se assemelham à versão de outros povos. Nessa lógica de proximidade, não apenas na parte cultural, mas também nos aspectos ligados ao mundo conectivo da natureza, aos saberes e práticas da cosmovisão indígena.

Com relação entre dois países, com a construção cultural se consolidava pela diversidade ao contato com diferentes condições. Nesse pensar Matos (2009) descreve que,

Os Matsés contam que durante a época em que viviam nos interflúvios(pelo menos ao longo do século XX, até a década de 60 empreendiam ataques a diferentes povos nativos da região (e grupos de seringueiros e madeireiros peruanos e brasileiros), em que mulheres eram raptadas e incorporadas as famílias dos guerreiros como esposa.

Além de compor as famílias, essas mulheres capturadas trouxeram aos conhecimentos dos inimigos que hoje fazem parte do modo de vida. Assim como a agricultura foi ensinada pelo mutum, os nomes pelo “povo da água, os Matsés aprenderam a usar arco e flecha no lugar da zarabatana através de uma mulher raptada do povo Mayu, e mais recentemente, o uso da espingarda com uma peruana roubada de um seringueiro (Matos, 2009, p.5).

Mediante o exposto é possível entender que os Matsés possuem miscigenação de diferentes culturas agregadas pelo contato com outros povos que passaram a fazer parte das mudanças nas práticas culturais, assim como a incorporação de outros povos. Esses novos contatos influenciaram parte das mudanças nas práticas culturais, os saberes e fazeres que compõem a cultura dos povos Matsés. O termo Mayoruna é uma denominação de povo por diferentes países, em relação à sua divisão. No Peru, são conhecidos e denominados como povo Matsés, enquanto no Brasil foram chamados de Mayorunas, apesar de sempre nos denominarmos também como Matsés. Dentro dessa lógica, enfatizamos a influência do contato desse povo do lado brasileiro, que se procedeu pelo órgão FUNAI, passando a denominá-los e aos poucos e incorporá-los à compreensão de que Mayoruna é um tipo de tradução da palavra Matsés.

Conforme aponta Matos (2009), a qual descreve esse processo do contato com a FUNAI que estabeleceria oficialmente o “contato” com outro grupo Matsé no alto igarapé Lobo, afluente da margem direita (brasileira) do Javari. Segundo os Matsé, a decisão da concentração e fixação de residência em torno da missionária do SIL foi o que acarretou o fim dos conflitos armados com os brancos e com outros povos (MATOS, 2009,p.5:6).

A partir da existência dos Matsés do lado brasileiro passaram denominar e organizar de maneira diferenciada do lado peruano, porém o que chama atenção é o termo Mayu usado de registro pela FUNAI atribuído ao longo do contato ao povo Mayoruna. Com base nisso, destacamos a visão de Mayuruna (2021, p.6) que acrescenta:

[...] o termo Mayu, usado para designar os grupos inimigos num sentido genérico. O termo também pejorativo, significa povo ruim e pouco guerreiro. Pensamos que talvez por existir esse termo na nossa própria língua ficou conhecida como Mayoruna. Além disso, o Mayu existia entre um dos tipos de espíritos cuédênquido guerreiros. Por outro lado, do ponto de vista do Matsé entre vários tipos espíritos guerreiros. Por outro lado, talvez Mayoruna seja apenas uma mera invenção dos não indígenas como na maioria das vezes ocorre quando um nome sem sentido são atribuídos ao logo do contato (Mayuruna, 2020, p. 7).

Em virtude da representação do povo Matsé, predominam muitos aspectos culturais e sociais, pois sua população apresenta uma existência, à primeira vista, como indígenas descendentes peruanos, já que os primeiros registros se consolidam que a maior parte da população está concentrada no Peru. Porém, o que se nota quanto à relação desde a sua origem se conflituava pela passagem de diferentes processos, tais como contato com outros povos indígenas, migração para outro país, contato com outras sociedades e conflitos entre regiões.

Para Mayuruna (2021, p.8), apesar de todos os processos conflituosos, os matsés, denominados de Mayorunas, tem consciência que outro nome foi designado por não indígenas, e hoje não há problema quanto o uso desta maneira, inclusive nossos documentos são emitidos com sobrenome Mayoruna. Também somos um povo criativo em apelidar ou atribuir nomes espontaneamente, como qualquer outro povo. Em sentido à compreensão desse processo e denominação de nome utilizado para se referir a si mesmos, isto é, seus nomes próprios usados para designar sua

própria etnia, sendo uma forma de identificação cultural importante para os povos. No caso do Matsés, são bem resolvidos e não questionam quanto sua autodenominação.

Para Mayoruna (2021, p.8) em familiaridade autodenominação acredita que sua originalidade poderá ser merecida pela sua própria existência, porém para momento não traduz relevância emergencial.

Isto não nos afeta e não é uma questão para conflitamos, no momento. Existem outras políticas e sociais que são mais agravantes e que impactam muito mais frente ao contato e que são sentidas até os momentos atuais, e que refletem até para as demais novas gerações dos Matsés que surgem. A questão do nome para nós é puramente comum, mas enquanto história mostra aos poucos todas suas nuances do passado, não se saber até quando isso será ameno entre os povos Matsés (MAYURUNA,2021, p.8).

Segundo Mayoruna (2021, p.8), a denominação do seu nome não se faz como algo emergencial para suas condições de vida. Ele afirma que existem relações de força maior para que seja levado em consideração, como é o caso da história que muitas vezes é mal compreendida ou ignorada na história convencional. A história é base para representação de sua cultura e identidade, e permite compreender as relações estabelecidas entre os diferentes povos, bem como sua relação com meio ambiente e os recursos naturais, uma vez que os Matsés não se acentuam com suas idas e vindas. Ao entrarem em contato com outras políticas sociais, especialmente nas sociedades ocidentais, os Matsés enfrentaram inúmeras dificuldades, incluindo a perda de recursos, assim como opressão e a discriminação.

Por razão dos impasses, iniciaram-se conflitos históricos em torno da existência coletiva decorrentes do processo migratório. Pois, do lado brasileiro, iniciava-se a popularização do Matsé que agora possuía um novo termo denominado de Mayoruna, e por esse motivo sentiam-se autônomos no território brasileiro, que não precisava do lado peruano. Assim, os Matsés do lado peruano sentiam-se confrontados pela transição em parte de seu povo em território brasileiro, assim passaram a considerá-los inimigos pelo contato com outro território, marcando um novo ciclo para os Matsés. Nesse contexto, Mayoruna (2021, p.8) acrescenta que se iniciaram conflitos em relação à posse de terra, ganhando repertório para impedir que os Matsés peruanos entrassem no território brasileiro.

Nós do Brasil tivemos conflitos com eles. Não aceitando que nenhum deles viesse para as comunidades Matsés do lado do Brasil, mantendo assim inimizades existentes desde o início do contato, quando houve motivos para separação. Quando ficavam sabendo que alguns deles vinham para a nossa comunidade, os Matsés do Brasil preparavam uma possível emboscada para execução. Desta forma é possível compreender a grande tensão entre eles, e a tamanha inimizade existentes desde o início do contato, quando houve motivos para a separação (MAYURUNA,2021).

Com a passagem migratória dos Matsés no território do Peru para o lado brasileiro, iniciaram-se conflitos e rivalidades entre eles, pois a separação gerou motivo de inimizade entre seu povo e com isso, reproduziu-se uma velha hierarquia de poderes entre os povos indígenas. Ao ponto de análise dos povos indígenas, especificamente os Matsés Mayoruna, compreende-se que é um povo que, ao residir em território brasileiro, sua nacionalidade não se permitia aceitar os processos sofridos de sua separação inicial do território original.

Para análise do contexto social dos Mayorunas brasileiros nota-se que eles viviam em guerras e conflitos entre seu povo e entre outros povos à mercê de uma separação correspondente ao início da organização dos Mayorunas em território brasileiro. Segundo dados do CTI (2020, p.33), os indígenas Mayorunas viviam em terra demarcadas na bacia do rio Javari como modo de defesa utilizavam de muitos conflitos e guerras contra outros povos da região. Em situação dessa rivalidade os homens Mayorunas durante os conflitos capturavam as crianças e mulheres dos inimigos, para morar na aldeia fazendo das mulheres esposas e das crianças seus filhos. E com isso os obrigavam aprender seus costumes, e vice-versa.

Nesse sentido, a compreensão do contexto histórico do Mayoruna a existência no Brasil se compactua como povo de guerra e conflitos, porém essa relação se configura como povo migratório navegante carregado de muitas memórias que contribuíram para organização e formação dos Mayorunas no Brasil. No contexto brasileiro, os Mayorunas trouxeram consigo tradições do Peru, que se tornaram práticas tradicionais no Brasil. Além disso, adaptaram-se a novos conhecimentos consolidados no país, o que levou ao surgimento de Mayorunas brasileiros que se sentiam parte da expansão do território conquistado. Muitos registros mostram a maior concentração desses indígenas no Vale do Rio Javari.

Conforme Santos (2018, p. 29),

[...] para compreender os encontros, desencontros, confrontos e conflitos, frente aos colonizadores e a outros povos que se refletem nas relações que esse povo estabelece na atualidade com a sociedade local, regional e nacional, temos que voltar um pouco ao passado.

Para entender os Mayorunas que vivem na Amazônia ou em qualquer parte do Brasil a ênfase é nas divisões das fronteiras nacionais carregada da história dos Mayorunas, certamente toda essa relação acarretou mudança sem seu comportamento nato, em seus costumes e crença, ou seja, sua passagem migratória carregada de conflitos posto com outras realidades fora de seu padrão natural e às vezes levavam a morte que influenciou no seu contexto social e cultural.

É importante ressaltar que a história dos Mayorunas se confunde tanto do lado brasileiro quanto do peruano, pois está intimamente relacionada à existência do Rio Javari. Os registros históricos e sociais desses indígenas estão fortemente ligados à mistura de povos e ao processo migratório que ocorreu em diferentes lugares, resultando em ações culturais e transformações na sociedade Mayoruna. No contexto brasileiro, os Mayorunas trouxeram consigo tradições do Peru, que se tornaram práticas tradicionais no Brasil. Além disso, adaptaram-se a novos conhecimentos consolidados no país, o que levou ao surgimento de Mayorunas brasileiros que se sentiam parte da expansão do território conquistado. Muitos registros mostram a maior concentração desses indígenas no Vale do Rio Javari.

Compreender os Mayorunas que vivem na Amazônia ou em qualquer parte do Brasil implica entender as fronteiras nacionais carregadas de história, que influenciaram seu comportamento, costumes e crenças através de suas migrações e conflitos com diferentes realidades. Essa passagem migratória muitas vezes resultou em mortes e impactou significativamente o contexto social e cultural dessa família Mayoruna seja ela brasileira ou peruana, pois sua origem é procedente de muitos conflitos internos, familiares e de território.

1.2A existência histórica e comunicacional Mayoruna do Médio Solimões

É a partir do percurso territorial e ancestral que se constitui a existência do povo Mayoruna, um grupo consolidado pela trajetória dos avanços e retrocessos vivenciados ao longo do trabalho na área comunicacional, destinada a fortalecer os

saberes culturais indígenas. Uma vez que se torna necessário e atual a comunicação dos meios próprios e apropriados para produção de novos caminhos que descreverei neste capítulo. Em sentido de abordagem comunicacional do povo mayoruna, desde suas primeiras manifestações simbólicas,

Os Mayorunas (Mayu- rio, runa- gente) – que significa “gente do rio”, um povo que compartilha muitos hábitos e traços culturais com outros povos de sua proximidade. O povo o qual descrevo está localizado aldeia Marajaí, no médio Solimões, no município de Alvarães, com vizinhos próximos das Aldeias Assunção, Canária e Laranjal, no estado do Amazonas. O lugar conhecido como aldeia Marajaí, terra indígena de curumim e cunhatã comedores de **Marajá** (fruta típica da região amazônica). Os mayorunas que vivem hoje na aldeia são descendentes dos ancestrais que vieram do alto rio Javari, município de Atalaia do Norte. De acordo com os relatos dos mais idosos da aldeia, os Mayorunas saíram do Javari em 1910, passaram por lugares diferentes até encontrar a terra que hoje se chama de Marajaí (1972).

A família dos mayoruna, no decorrer desse percurso, passou a vivenciar outros hábitos de acordo com seu espaço geográfico. Segundo os mais antigos da aldeia, o grupo dos mayoruna nascem no rio Javari, porém, com alguns anos de união surgem impasses para continuar todos vivendo no mesmo local. Esses desafios dificultavam a vivência, tais como, longitudes, conflitos e diversidade de opiniões. Diante das situações algumas famílias, decidiram sair em busca de outro lugar para viver. Ao sair desse local levaram consigo a diversidade cultural do seu povo de origem, assim como os seus ensinamentos ancestrais.

Em seu lugar de origem aprenderam conexões comunicativas importantes, para continuar suas práticas tradicionais indígenas. Mas tarde, isso foi possível quando chegaram no lugar conhecido como Tapiira, localizado no rio Japurá. A decisão para navegação a descida do rio Solimões, ao cruzamento do rio Japurá foi o primeiro desafio das famílias, pois segundo relatos dos antigos, durante a viagem eles sofreram diversos perigos, bem como cansaço físico e ataques dos “uepery” (os guardiões dos rios).

Ao desconhecer os mayoruna, os uepery lançavam ataques sobre sua embarcação e isso dificultava a logística de viagem. Para ilustrar o trajeto de navegação dos Mayoruna. A figura 1 apresenta exemplo da viagem das famílias mayoruna.

Figura 1- Navegação dos Mayorunas



Fonte: Jovane Neves Mayoruna (2023)

Durante essa viagem os mayorunas utilizaram seus conhecimentos tradicionais ao sofrerem ataques dos uepery. Sons e trovejadas nas profundezas das águas do rio. Ao lançarem comandos de rituais, os mayorunas evocavam suas cantorias ao pedir a passagem no território alheio. Os Uepery ³não compreendendo os códigos linguísticos, não aceitavam que os mayorunas continuassem sua viagem. Naquela ocasião, a liderança da família se promoveu baixar os agentes “Chipore”⁴, um dos representantes do seu povo sobre as águas.

E assim, chipore manifestou-se sobre o corpo do pássaro patinho do igapó, como agente tradutor, promoveu diálogo entre os mayorunas e os uepery realizando assim o apaziguamento entre as partes.

Ao estabelecer compreensão dos indivíduos, evidencia-se a prática comunicativa. Nesse sentido, o diálogo entre os povos se procedeu a partir do intermédio do Chipore, um performativo agente comunicador dos mayorunas. O seu ritual se dispõe a busca pela passagem do seu povo, uma vez pronunciado chamando através dos rituais. O chipore dispõem a deixar sua morada de sobrevivência no ar e toma postura através corporação animal. Na passagem dos mayorunas, Chipore firmou acordo aos uepery de que os mayorunas são gente do rio, estes já apresentavam desde os primeiros habitantes a migração do Peru ao Brasil. Porém,

³ Uepery agente guardiões protetores do rio cosmologia indígena Mayoruna

⁴ Chipore agente promissor de proteção sobre conexão do ar do povo Mayoruna

sua morada estava comprometida a dificuldade para permanecer todos sobre mesmo lugar, e isso levou os mayorunas se deslocarem. Com análise e comando dos guardiões do rio, todos concederam a decisão, mas com ressalva de que jamais poderiam retornar ao Rio Javari.

Diante desse acordo, os Mayorunas prosseguiram viagem, levando consigo firmamento da palavra sobre acordo. A promessa de que jamais poderiam rever seus familiares que ficaram no rio Javari, mas continuaram a viagem sem saber que direção seguir. Mas tarde, o ancião da família procedeu o chamado Yupiqui que incorporou sobre a criança e apontou que direção seguir no trajeto. Logo, os mayoruna atenderam as informações de Yupiqui sobre o lugar destinado a nova morada das famílias. Após algumas horas de viagem chegarem à terra. Na Figura 2, exemplo da chegada na terra Tapiira.

Figura 2- chegada na terra



Fonte: Jovane Neves Mayoruna (2023)

De acordo com os mais antigos da aldeia, a terra que Yupiqui⁵ orientou por meio interação com ancião ao incorporar na criança descrevendo ser bastante produtiva. Ao chegarem no local como tinha previsto, um lugar de fartura com muitos

⁵ Yupiqui agente de comunicação descendente da natureza como envolvimento de ações colaborativas do povo Mayoruna.

animais, peixe e terra para cultivar. Para ilustrar esse lugar, apresenta-se a figura 3 como exemplo do lugar.

Figura 3- Lugar farto



Fonte: Jovane Neves Mayoruna (2023)

Nesse lugar, viveram por 42 anos sobrevivendo da pesca e da agricultura de pouca duração. Na comunidade Tapiira os mayorunas decidiram dar continuidade as suas práticas tradicionais indígenas, bem como ensinar as crianças o uso da língua materna para domínio da comunicação oral, por meio da roda de conversas para contar histórias, cantorias, conexão com outros mundos e a divindade do sagrado aos mayorunas. Os anciões sentavam e embebiavam a todos com os ensinamentos das fontes sagradas, pois ali era hora de servir o caxixi⁶, comer muquiado⁷, dançar tsaiman⁸ e ouvir as vozes que ecoavam para além do sobrenatural, em conformidade para benzer as enfermidades e afastar os espíritos maus.

Essa tradição da festança como parte da alegria com respeito ao sagrado foi uma das heranças de origem de seus ancestrais, pois segundo os mais antigos da aldeia, é preciso de alegria para incorporação dos agentes sobrenaturais, uma guarnição da presença de vários corpos para formar uma rede conectiva que começa da criança ao idoso, pois não se pode ouvir e entender sem a presença da oralidade

⁶ Caxixi bebida típica Mayoruna feito de Macaxeira

⁷ Muquiado prato típico Mayoruna de peixe com banana

⁸ Tsaiman dança tradicional das mulheres Mayoruna

carregada dos ensinamentos, de uma geração a outra como valorização dos conhecimentos conduzidos por diversas interações que circulam nos espaços e formam uma vida coletiva. As práticas dessa conexão por meio oralidade contribuía para as crianças, adultos e mais velhos entenderem como tudo na vida tem sua conexão. O rio como estrada, a natureza como casa e o ar como visão de vida na terra. Como exemplo desses momentos de aprendizagem, a figura 4 demonstra essa interação.

Figura 4- Roda de conversa



Fonte: Jovane Neves Mayoruna(2023)

Nesse lugar, os mayorunas passaram comunicar-se de várias maneiras umas das principais era a língua materna indígena, as mulheres como mentoras dos filhos os levavam a beira do rio ao entardecer para ensinar os cantos, a produção de objetos de cerâmicas, a tecer do Tipó. E os homens ensinavam as crianças nadar, pescar e brincar na beira do rio Japurá. Essas tradições representavam a continuidade das práticas indígenas, para além dessas tradições comunicativas no espaço físico, as conectividades ultrapassam o espaço geográfico, pois no batucar dos maracas a comunicação se fluía com o sagrado. O “Achanuc⁹” a festança concretizada pelas diferentes divindades no plano terrestre. Os seres tomam posse do corpo humano

⁹ Achanuc festa religiosa divindade como representação da mãe terra tradição do povo Mayoruna do Médio Solimões.

manifestando a dupla personalidade para compreensão da vida em diferentes esferas espirituais.

Na batucada dos tambores, as mulheres evocam os cantos junto a fumaça de caribé¹⁰, o som de chocalho inicia-se oferendas, o banquete de bebidas típicas e comidas para recepção das divindades sagradas. Na ocasião, os anciões pintam corpo para receber os seres do território, as mulheres carregam as suas cuias para meio da roda e começam a dançar. Os homens em sua volta as protegem dos espíritos maus. As práticas religiosas dos mayorunas ao longo do tempo foi consagrada para eventualidade de toda comunidade, mas com a chegada da igreja católica na terra, os mayorunas começaram a sofrer opressão por parte da igreja, e isso levou ao desaparecimento das suas riquezas culturais.

Em decorrência dos fatores geográficos na região, esse povo sofreu também com a falta de alimentos. Os peixes sumiram, o nível das águas subiu. Tornou-se uma grande enchente, assim dificultando a vida das famílias. Com desaparecimento da terra, o alimento sumiu e as famílias começaram a sofrer fome naquele lugar. Em contato com o padre que andava pela região este ofereceu comida e ensinou algumas palavras do português. E falou de lugar que era melhor para se viver situado no rio Solimões.

Com a decisão para melhoria de condições de alimentos e se proteger dos perigos das enchentes, apenas três famílias concordaram em sair do lugar, e assim iniciaram novamente seu trajeto de mudança construíram três jangadas para levar as famílias e seus pertences. Na Figura 5, apresentação como exemplo das três jangadas no rio Solimões.

¹⁰ Caribé cipó da região amazônica sua extração serve para fazer cerâmica e passagens religiosas do povo Mayoruna.

Figura 5- As jangadas



Fonte: Jovane Neves Mayoruna(2023)

As três jangadas conduziam as famílias, e numa delas o ancião. Segundo os antigos da aldeia, cada jangada transportava uma pequena canoa para pescarem. À noite tinha muitos insetos, como a carapanã que não os deixava dormir. E durante o dia, as mutucas que não os deixavam acomodados na viagem. Após alguns dias, chegaram no terreno de propriedade da igreja católica que aceitou as famílias mayorunas. Isso foi o primeiro contato com a sociedade não indígena. Logo, foram obrigados aprender falar a língua portuguesa, pois os proprietários exigiam que todos falassem português e não a língua materna indígena.

A terra não apresentava muitos benefícios para sua sobrevivência; poucos peixes, animais e frutas, além de um baixo rendimento de produção em lavoura. Assim, as famílias passariam a trabalhar à serviço da igreja com colheita de castanha e cuidar do rebanho de ovelhas. Aos poucos construíram seus tapiris¹¹ com tecumes de palhas. Essas moradias iniciaram a formação da nova aldeia dos mayorunas, dessa vez no médio Solimões. Na condição de moradores, os padres deixaram as famílias trabalharem na agricultura, porém avisaram que o lugar não reproduzia bons resultados, já que anteriormente teriam tentado cultivar e não tinha gerado boa produção, pois acreditavam que a terra era amaldiçoada, já que os religiosos não compreendiam a peculiaridade daquele lugar.

¹¹ Tapiris pequenas casas feitas de palha para abrigar a família Mayoruna.

Sendo assim, as famílias mayorunas passaram a preparar os caminhos para as interações comunicativas, pois o ancião intermediou a comunicação existente com a natureza do lugar, o espaço ocupado por vidas em sentido de conhecer e trocar informações sobre fertilidade da terra. Essa interação se pronunciou pela passagem de música, dança e da pintura corporal (o rito de consagração à chegada dos mayorunas sobre determinado lugar). Com a permissão dos guardiões do lugar para viver e morar, as famílias sentiram-se conectadas. Assim, poderiam exercer suas atividades cotidianas na aldeia. A Figura 6 apresenta a conexão para vivência desse lugar.

Figura 6- vivencia na aldeia



Fonte: Jovane Neves Mayoruna (2023)

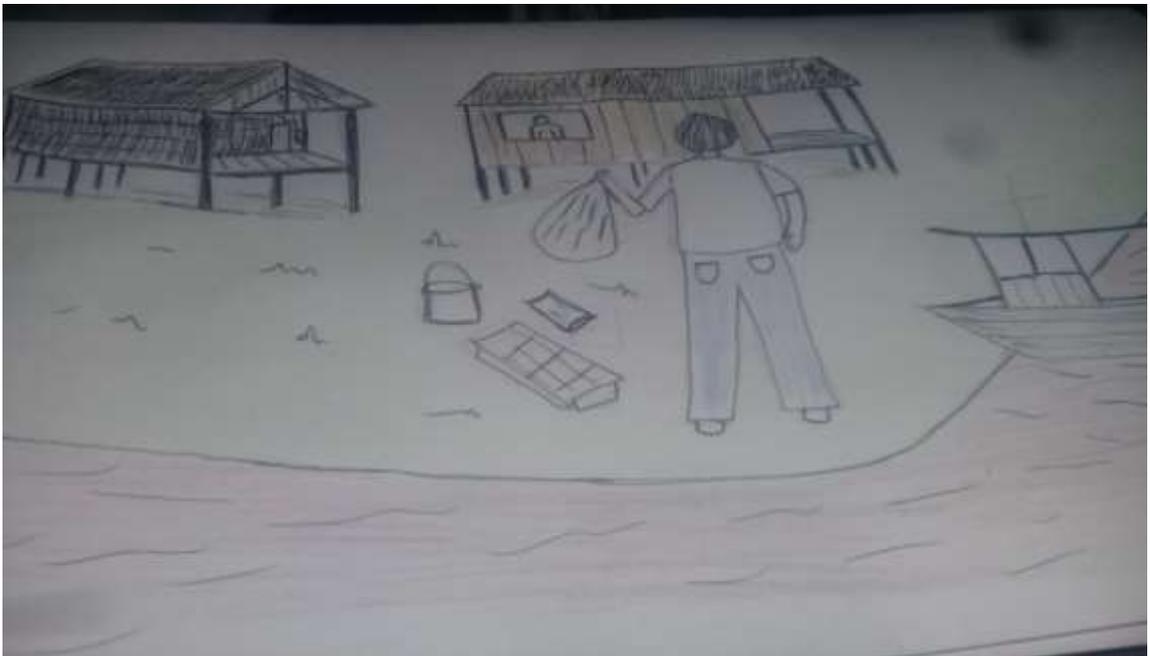
Com relação aos moradores estabilizados nos diversos corpos existentes no lugar, os Mayorunas usufruíam a fonte de alimentos da fauna e flora, todavia, os alimentos foram se limitando e dificultando assim a alimentação das famílias que viviam pela condição da natureza. Mais uma vez, tiveram que enfrentar a fome que os ameaçava, e buscaram por exploração de novos meios para sua sobrevivência.

Essa situação fez com que os mayorunas utilizassem sua criatividade para trabalhar com uso da cerâmica e tecumes. Os religiosos vendo os vasos de barro e artesanatos criados, logo se dirigiram aos compradores para comercialização das produções desses povos. O que existia na verdade era escambo, ou seja, trocavam seus artesanatos por comida. Nesse meio de negociação a comunicação realizava-se por gestos e apontamentos, pois não sabiam falar português apenas sua língua

indígena. Com o tempo, os comerciantes denominados de regatão ou bananeiros, exigiram que todos parassem de falar seu idioma de origem. Em análise desse fato, ao contato com os comerciantes sofrem os silenciamento por não ter direito a praticarem sua oralidade da língua, visto que esse é o principal meio de comunicação do povo.

No entanto, os Mayorunas continuavam a praticar a comunicação na língua materna indígena, isso gerou desconforto dos comerciantes e religiosos para com os moradores ameaçando de morte, caso não deixassem de falar e aprendessem o português. Uma época difícil aos moradores que precisavam dos alimentos fornecidos pelos comerciantes bananeiros que navegavam no rio Solimões. Para ilustração desse momento apresenta-se a figura 7 a comercialização do povo Mayoruna.

Figura 7- Comercialização bananeiros



Fonte: Jovane Neves Mayoruna (2023).

Diante dessas condições de proibição da sua língua, os mayorunas se esforçaram para aprender o português. Imediatamente os religiosos buscaram alfabetizar na língua portuguesa, surgindo uma espécie de escola. Além dessa proibição, os Mayorunas também foram obrigados a vestir roupas para que fosse possível frequentar o espaço escolar. Uma vez que os religiosos afirmavam que seus

corpos nus correspondiam a desvirtuação de ensinamentos morais, como a prática religiosa cultuada na igreja. Como ilustração dessa escola, apresenta-se na figura 8.

Figura 8 – Escola Mayoruna



Fonte: Jovane Neves Mayoruna (2023)

Com mudanças no modo de comunicação, as vivências por parte da inclusão da língua portuguesa no cotidiano muitas pessoas deixaram de praticar língua materna e foram morar na cidade mais próxima que seria Alvarães. Os demais que permaneceram na terra, após a compra do terreno da igreja católica passou a ser registrada como área indígena conhecida como aldeia Marajaí do povo Mayoruna. Na passagem do tempo muitos processos comunicativos fizeram presente na aldeia, de acordo como mais antigos da aldeia, a comunicação dos Mayoruna mesmo com opressão sofrida por parte de sua organização quanto aldeia a sua maior forma de comunicação é sua oralidade, pois sua principal interação se traduz pela interação com outro por meio do contar e ouvir para entender o universo.

Esse processo de oralidade se concretiza pelas rodas de conversas que aconteciam na aldeia. Todas as noites os anciões contavam histórias, assim como festanças de passagem rituais como música e dança. Para além desses meios a comunicação no cotidiano da aldeia era manifestada de diversas maneiras, alguns

meios comunicacionais tradicionais marcam a passagem do tempo e espaço. A comunicação tradicional dos Mayorunas como bater na Sapopemba meio utilizado para transmitir informação das atividades exercida na aldeia. Quando batida uma vez significava que alguém estava chegando, duas batidas, participação das rodas de conversas, três ou mais, anúncio de emergência para aldeia. Essas batidas compreendidas como protocolos de comunicação, uma vez que todos sabiam que os anciões batedores dos anunciados estavam utilizando dessa prática como continuidade dos conhecimentos aprendidos como outras gerações já ensinadas, pois o tronco da arvore se torna uma ferramenta ancestral importante para propagação da comunicação. Com ilustração desse meio de comunicação a figura 10 apresenta exemplo dessa prática.

Figura 8- Batida na Sapopemba



Fonte: Jovane Neves Mayoruna (2022)

Essa ferramenta tradicional necessitava de força física e espiritual, além da compreensão das batidas e pontos estratégicos para sonoridade no tronco da árvore. Esse protocolo de comunicação se manifestava como uma hora sagrada para os campos interativos no espaço, uma vez que seu pronunciamento cogitava respeito e

silêncio e todos ficavam atentos ao chamado. Todavia, a passagem do tempo na aldeia exigia bem mais a concentração aos comunicadores como utilização com maior força, as interrupções dos ecos sonoros não conseguiam mais alcançar grande quantidade de pessoas devido ao aumento da aldeia. Em virtude, dos fatos os anciões da aldeia decidiram buscar estrategicamente, o uso de nova ferramenta tradicional para promover a comunicação na aldeia.

Para continuidade a propagação da informação como fonte de seus conhecimentos ancestrais, transformaram o boró o utensílio lapidado da cueira como meio de comunicação, pois através de seu timbre possibilitava interação comunicativa entre os moradores da aldeia, visto que o boró possui um timbre muito forte. Quando assoprado, faz barulho que chega às proximidades. Esse meio tinha a dupla função: servir para a informação e ser uma espécie de vaso para guardar as bebidas típicas. Nessa ferramenta tradicional a compreensão é percebida pelo timbre vocal dos anciões que sopravam o boró como espécie de aviso aos moradores, porém seu percurso informativo não se concretizou por muito tempo na aldeia. Na Figura 11 apresenta exemplo do meio comunicacional.

Figura 11- Boró

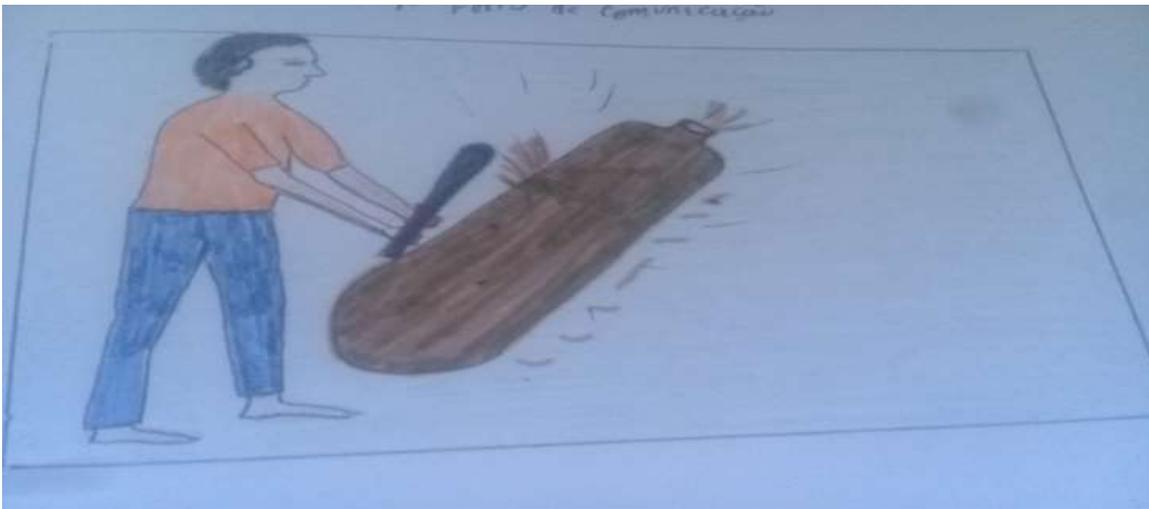


Fonte: Jovane Neves Mayoruna (2022)

O boró foi uma das ferramentas tradicionais que contribuíram para comunicação dentro da aldeia, pois sua fabricação era feita pelos próprios mayorunas tecedores, artesãos e lapidadores de cerâmicas. Com a transição dos moradores

entre a cidade e a aldeia, e o contato com outros grupos sociais, especialmente a igreja católica que ofereceu contato de nova língua e lugares, iniciou uma mudança nos meios tradicionais comunicativos do povo mayoruna. Eles passaram a utilizar novas ferramentas, tais como botijão de gás de oxigênio esta foi uma doação feita pela igreja católica para contribuir com expansão comunicativa local. Em sentido este fato, apropriação das ferramentas tradicionais criadas pelos próprios anciões a substituição por uma criação de novas ferramentas cogitadas por outros povos. O uso do ferro como algo alheio a cultura indígena, porém esse meio comunicacional conduziu a melhoria na comunicação na aldeia, uma vez que batido no meio da garrafa com pedaço de ferro possuía um som bastante forte com alcance maior entre os moradores da aldeia com a possibilidade de compreensão entre os lugares mais distantes através do som. Como exemplificação desse fato, a Figura 12 representa exemplo da prática comunicativa.

Figura 12- Botijão de gás de Oxigênio



Fonte: Jovane Neves Mayoruna (2023)

Em compreensão as conexões comunicativas indígenas com a chegada dessas novas ferramentas para aldeia, os protocolos comunicativos se alternaram entre os moradores. Os avisos eram feitos através da batida de garrafas. Esses avisos poderiam ser diversos com passagem do tempo. Foi necessária adaptação novo meio de comunicação, pois com o passar dos tempos, fez-se necessário a adaptação de novos meios. Assim, a garrafa foi substituída por chapa de ferro uma ferramenta que possuía som muito forte quando batida, essa ferramenta foi encontrada pelos moradores nas margens do rio Solimões. Uma chapa em formato de prato, porém

essa chapa tornou-se uma ferramenta acessível a todos os moradores, uma vez que seu som conseguia chegar em lugares mais longínquos da aldeia.

Essa chapa chegou na aldeia como forma apenas de objeto de ferro sem precisão de um meio comunicacional, só mais tarde foi descoberto o manuseio como ferramenta, pois os moradores não sabiam que seu som poderia atingir toda aldeia. Quando batida, as pessoas que estavam em suas roças, largos e outros lugares passaram ouvir o chamado através do som tocado pelo tuxaua. Tal ferramenta nos mostrou mais uma possibilidade de comunicação como alternativa para introduzir uma gama de meios de comunicação, trazendo capacidade para adaptar as novas interações locais no ambiente. Na figura 13, imagem da ferramenta de comunicação chapa de ferro.

Figura 13- Chapa de ferro



Fonte: Jovane Neves Mayoruna (2000)

Essa ferramenta comunicativa foi bastante eficaz para comunicação local da aldeia. Diante da chegada de novas ferramentas no ambiente local a comunicação ancestral foi sofrendo adaptação, uma vez que sua prática foi sendo expandida para além da aldeia, isto é, a expansão para fora do espaço local. Essa expansão comunicacional foi implantada por volta de 2000 quando chega o telefone orelhão, que possibilitou a expansão da comunicação para, além do espaço geográfico local, bem como falar com pessoas de outros lugares, familiares distantes para saber dados. O telefone foi uma novidade que permitiu as pessoas receberem e repassarem informações sobre determinados assuntos. Isso gerava curiosidade e todos que ficavam ao redor do orelhão para tentar falar com familiares formando uma espécie

de agendamento com fila de pessoas esperando sua vez para ter notícias dos familiares de outras localidades.

Essa dinâmica comunicativa apropriada pelos moradores como fonte propagação viabilizou novos olhares sobre a comunicação no sentido de compreender através do falar e ouvir para fora do lugar físico, pois os anciões no início da prática constituíam com grande receio as atuações fora seu campo de conhecimento o uso do aparelho na aldeia.

Além desconhecer a origem da criação dessa ferramenta se compreendia como ataque da voz do inimigo que estava consolidada no Muiy, um agente imitador de vozes que engana as pessoas quando estão sobre efeito da curiosidade podendo ser passado por familiares e amigos. Esse cuidado pelos anciões se procedia dos ataques sofridos no seu território de origem como comunicação perigosa que poderia destruir a força de um povo sobrevivente as grandes ameaças durante a migração do seu povo. Com o tempo os anciões entendo como funcionava, passaram fazer uso desse meio para facilitar a comunicação a serviço da aldeia. Com ilustração desse aparelho de orelhão, a figura 14 representa a imagem desse telefone conhecido como orelhão.

Figura 14- Orelhão



Fonte: Jovane Neves mayoruna(2021)

Com expansão a chegada de novas tecnologias na aldeia os protocolos da comunicação ganharam novos formatos para propagar informação, uma vez que se alinharam as necessidades dos moradores do lugar. Essa nova implementação

passou a se consolidar com maior força a partir de 2010 com implantação da rádio poste Yanekuema, uma ferramenta que chegou para possibilitar a melhoria da comunicação local da aldeia, visto que o problema interno era garantir compreensão das informações de maneira rápida e compreensiva, mas para garantir o funcionamento dessa ferramenta foi necessário entender e se apropriar desse meio para promover a comunicação do povo mayoruna, sendo uma das primeiras grandes ferramentas tecnológicas para formação da organização local.

A rádio Yanekuema surge como espécie de apropriação da comunicação tecnológica, contribui para aperfeiçoar a comunicação tradicional aliada aos conhecimentos ancestrais. Com a implantação da rádio foi possível trazer benefícios as atividades de toda aldeia. No sentido do alcance e eficácia das informações de maneira rápida com precisão. Antes da rádio os meios de comunicação possibilitavam as informações através de conversas formais e informais mesmo que fosse possível ouvir os sons de avisos muitas pessoas não compareciam por estarem em lugares distantes e muitas vezes, por demorar a receber os sons dos anciões para determinado assunto. Com apropriação da rádio foi possível consolidar os conhecimentos através das ondas sonoras da rádio poste. Na figura 15 apresenta , a imagem da rádio poste Yanekuema.

Figura 15- Rádio Poste



Fonte: Mariany Martins (2022)

A Rádio Yanekuema, voz coletiva, faz parte da comunicação da aldeia. É uma ferramenta que chegou para contribuir na divulgação das informações locais, uma vez que sua abrangência facilita acesso à informação de maneira rápida e compreensiva no espaço, pois além da comunicação a rádio tornou-se espaço educativo para o fortalecimento das ações culturais da aldeia. Com análise nas relações comunicativas, em se tratando das ferramentas tradicionais e tecnológicas percebe-se uma construção identitária determinando a essência da vida indígena.

Para o indígena Benites (2012) que enriquece o diálogo ao discorrer sobre o modo de ser e do estilo comportamental (teko laja) de cada família uma formação constituída pela vida contemporânea variada de cada sujeito, que traz experiências diversas e de contextos históricos determinados. Dessa maneira evidencia-se a formação do povo Mayoruna no processo comunicativo como marcador na mudança na vida dos moradores, já que as tecnologias contemporâneas fazem parte no presente da vida da população de maneira dialógica.

A apropriação tecnológica chega na aldeia em 2010, uma nova ferramenta tecnológica para acesso aos moradores à internet se consolidou por meio do campo educativo, uma vez que os estudantes passaram finalizar o ensino fundamental, precisaram sair da aldeia para município mais próximo, no caso Alvarães, para dar segmentos aos seus estudos.

Entretanto, os desafios enfrentados na escola não ajudavam na permanência dos estudantes, pois o impacto causando a eles estava interligado os perigos para chegar na escola, assim como os impasses sofrido tais como: preconceito no espaço de formação e as dificuldades para acompanhar e familiarizar com colegas. Os estudantes sentiam-se constrangidos por serem indígenas e eram atacados verbalmente. Muitas pessoas os repudiavam por estarem frequentado à escola. Além disso, os confrontavam sobre diferentes aspectos físicos ao perfil mais exótico e bilingue do ser "índio" com postura de incômodo à quebra da expectativa do que entendem por ser indígena.

Segundo o indígena Vaz Filho (2019, p. 83) isso acontece por não se adequarem a um perfil de índio exótico e belíngue, em total desrespeito a conquistas políticas e sociais de tais comunidades nas últimas décadas. A essa postura evidencia-se a propagação das informações que circulam na sociedade de modo geral, pois os meios de comunicação circulam ou vendem a ideia do ser indígena como ser destemido de mudanças. Essa constante e intensa relações dos indígenas

no ambiente nos quais circulam a prática adotada pela instituição remetia aos estudantes a história contada por seus pais, ao serem submetidos ao processo da escolarização das escolas pela igreja, sob olhar do sujeito indígena dos ambientes nos quais lhe deixou marca profundas.

Como paralelo a jornada de relação de opressão e de submissão vivenciada nas escolas, nos unimos a trajetória do indígena Edson Kayapó. Para Kayapó (2019):

A prática pedagógica adotada naquele internato lembrava a ação jesuítica entre os povos indígenas do primeiro século da colonização, em que “civilizar” e salvar as almas dos jovens indígenas eram os objetivos nobres e necessários. A educação religiosa que recebi me afastou não apenas dos parentes, mas principalmente das formas de vivência indígena que aprendi na infância.

A produção da prática pedagógica que kayapó menciona recebida ao longo de sua formação, foi a trajetória de muitos estudantes indígenas que receberam a educação religiosa submetidos opressão e afastamentos de sua vida indígena, uma vez que se faz muito importante as práticas na infância. O indígena Luciano (2011, p. 15), acrescenta que:

Os anos de vida na aldeia foram marcantes. Acompanhado toda a atividade do meu pai com quem aprendi as coisas da vida baniwua, das lições morais, espirituais e as necessidades para vida material e sociocultural. Frequentava todas as atividades comunitárias. Gostava de pescar, caçar, trabalhar na roça e produzir os materiais artesanais para minha mãe, utilizadas na produção de farinha e seus derivados(LUCIANO, 2011, P.19).

Com base na afirmação de Luciano atribuímos aos estudantes indígenas mayorunas que não tiveram a oportunidade de conviver antes da intervenção da educação religiosa no processo de escolarização, pois quando criança sempre estudaram nos moldes da consagração missionária da igreja como lugar de reprodução dos conhecimentos válidos para viver em sociedade. Com essa estimulação instituída pela igreja muitas famílias indígenas acreditando que era preciso colocar seus filhos na escola para aprender ser pessoas civilizadas, já que o indígena não sabia ser gente. O indígena Vaz Filho (2019, p. 85), argumenta que :

A escola e universidade têm sido historicamente um espaço de reprodução de um modo de ser e de uma cultura hegemônica, dentro do projeto homogeneizante do Estado Nacional. Por isso muitos indígenas se esforçam para colocar seu filhos na escola para “aprender ser gente”, e ser gente, de certa maneira é: ser civilizado

conforma padrão europeu brasileiro. Falar corretamente português , ser cristão, ter uma etiqueta urbana etc (VAZ FILHO, 2019).

Inevitavelmente na busca por espaço muitos indígenas acabavam tentando encontrar alternativas para sua representação em diferentes situações, uma vez que procuram contornar o padrão mobilizador das instituições como único lugar de formação sem levar em consideração os conhecimentos tradicionais ancestrais de cada povo.

Analisando os aspectos do fenômeno educativo percebe-se uma reviravolta das condições ocupada pelos indígenas, uma vez que estes têm usado sua formação e atuação para dar visibilidade às populações, construindo diferentes produções, as quais se materializam por diferentes caminhos, seja na área educacional ou comunicacional, mobilizando representantes nos espaços a partir dos construtores decorrentes de sua escolarização. Assim, passam aprimorar sua identidade étnica, cosmológica e seus saberes tradicionais para arguição de aliança e afeto as novas ferramentas. Em consideração a nova ferramenta recém-chegada para acesso dos povos indígenas, destaca-se a chegada da internet na terra indígena Marajá. Através da implantação do ensino tecnológico mediado pelo ensino à distância. Uma modalidade de ensino por meio de IP TV com sede no Centro de mídias em Manaus Amazonas.

No início das primeiras transmissões das aulas os moradores acompanhavam, mas depois de alguns dias de funcionamento foram perdendo a curiosidade e o interesse nas atividades escolares. Já os jovens ficaram super empolgados, pois tinham a possibilidade de aprender sem sair da aldeia, além disso, poderiam conhecer como manusear os equipamentos tecnológicos, bem como aprender a escrever por meio digital, enviar emails, navegar na internet e outros serviços desenvolvidos com uso do recurso tecnológico, mas como não tinha energia 24 horas, o horário era bem restrito somente para assistir as aulas.

Com a chegada do programa Luz Para Todos, a aldeia se modificou no seu modo dinâmico. Nesse novo ciclo as famílias mayorunas passaram a ter contato com equipamentos eletrônicos como o aparelho de televisão, celular e ponto de internet wifi. Isso passou a ser motivo de preocupação para os anciões da aldeia, uma vez que aldeia não estava preparada para receber essas novas tecnologias como ponto construção coletiva. Com instalação da antena na escola muitas pessoas começaram

a ter acesso a internet. A figura 16 apresenta a imagem a rede de internet Wifi na Escola.

Figura 16 - Ponto de WIFI



Fonte: Jovane Neves Mayuruna (2022)

A existência da internet foi uma novidade que entrou na aldeia e trouxe consigo inovações e informações, mas para além desse fator interativo aos poucos tem possibilitado a utilização como instrumento e como espaço para lugar de fala dos mayoruna. A internet, atualmente, está interagindo com as tradições culturais, porém apresenta alguns impasses no seu funcionamento deixando muitas vezes as pessoas em situações desconfortáveis com sua má qualidade. Isso tem deixado uma análise muito peculiar sob a atuação no campo comunicacional na apropriação dos meios tecnológicos para os povos indígenas, especificamente, aos mayorunas.

A internet é terra alheia não foi criada pensando no acesso dos indígenas, isto é, como uma escolha voluntária, e sim, alternativa para tentar corresponder as necessidades dos povos indígenas. Neste contexto, nasce a comunicação indígena aprimorada pelo recurso tecnológico atrelado a um instrumento de resistência para construção de lugares de fala indígena compartilhada pelos saberes ancestrais, bem como os ensinamentos realizados pelos indígenas como fonte de atuação diferentes na prática da comunicação.

Neste campo de atuação destacam-se os comunicadores indígenas mayorunas, mobilizadores de novos caminhos que vislumbram o trabalho de intermédio, por meio de redes conectadas com sentido da mesma força de voz. Isso

significa buscar aliar o trabalho comunicativo partir da visão indígena com as novas ferramentas tecnológicas. Considerando o processo histórico da comunicação mayoruna, observa-se uma construção da realidade da própria aldeia, uma vez que compreende a comunicação no tempo e espaço e estabelece o fortalecimento de suas questões indígenas, assim como ampliar e reinventar novas maneiras de se comunicar.

Essa prática baseia-se na entrada da coletividade, uma vez que para realizar a tarefa é necessário considerar a força coletiva para construção do trabalho comunitário cooperativo. Assim sendo, a comunicação indígena vem tentando demonstrar através de sua construção ao longo de sua existência por suas complexas relações de trabalho, ou seja, a comunicação como representação e valorização das potencialidades da cultura indígena.

Para tal afirmação, analisamos o processo da comunicação indígena mayoruna entre as mudanças organizacionais do sistema familiar construída no tempo. Assim como as práticas ancestrais, a passagem pela inversão de novos caminhos a partir de um olhar sobre comunicação de forma horizontal. Trata-se de uma comunicação coletiva, isto é, a comunicação indígena nada mais é do que a prática associada a uma partilha que abre espaço para diferentes conhecimentos práticos. No caso da comunicação mayoruna, as relações estão ligadas na essência das ações desenvolvidas pelo trabalho coletivo, uma vez que a comunicação representa uma organização autônoma e cultural sem fins lucrativos, porém destaca-se a importância para garantir a preservação de nossas tradições e modo de vida.

1.3 O processo da comunicação indígena Mayoruna apropriada

Com o decorrer do tempo, novas formas e ferramentas da comunicação foram ganhando espaço, iniciando um novo processo comunicacional, sobretudo, os diferentes caminhos escolhidos rumo aos objetivos alcançados pelo povo Mayoruna ocupando espaços escolares, universidades, dentre outros lugares. Esses espaços possibilitaram maior destaque aos afazeres, mas para além do espaço local reflexivo, ajudou fortalecer o trabalho da comunicação interna, assim como apropriação dos conhecimentos como grande aliada para construções coletivas.

Essa relação aconteceu por meio da educação, uma vez que, os estudantes indígenas se propuseram em destaque ao seu grau de escolaridade como sentido de ocupar os espaços como forma de protagonismo e fortalecimento. Isso só foi possível

a partir da compreensão dos diferentes olhares, ao invés de cogitar o espaço escolar como desrespeitador e destruidor, os mayorunas se apropriaram dos princípios construtivos para os mecanismo formal a escola como caminho para buscar soluções com fonte para defesa aos povos indígenas.

Dentre esses mecanismos, as variadas formas de manifestação. A comunicação se destacou por meio da literatura indígena, uma comunicação de forma escrita capaz de enaltecer as riquezas da cultura indígena através de palavras, além elevar o espaço, abordam os registros de memórias dos anciãos como forma para manter a viva história do seu povo.

Para Dorrico (2017), os povos indígenas passaram a utilizar os meios de comunicação e a escrita formal como ferramentas de afirmação de suas identidades, de reconstrução e de fomento de suas tradições e, por fim, de resistência política frente às violações de sua integridade, cultura e território. Nessa logística as manifestações dos espaços abordamos o fortalecimento cultural com base na integridade dos diferentes povos indígenas que buscam apropriar dos meios para sua representatividade.

Para o indígena Tônico Benites (2012) abordar tais questões diversas:

Entre os Kaiowá a respeito da apropriação da escrita, que variam ao longo do tempo entre a confiança de uma prática que muitas vezes foi usada de forma lesiva a seus interesses,mas que também foi percebida como um caminho para busca de soluções para seus problemas de relacionamento com a sociedade envolvente e com Estado(BENITES, 2012).

O espaço escolar pode visar a ampliação para discutir e articular estratégias para condições impostas aos povos indígenas. Segundo o indígena Baniwua (2009), pela apropriação indígena dos processos de escolarização, tanto no ensino básico quanto superior, os povos originários procuram engajar seus interesses frente suas lutas sociais, e se interessam também pelas questões indígenas afetiva de seus povos tradicionais.

Assim nos juntamos a trajetória do povo Mayoruna ao entrarem nos novos espaços como o ensino superior os ingressantes acadêmicos buscaram parcerias como forma de apoio as suas ações coletivas. Porém uma das primeiras mobilizações se procedeu para fortalecer a comunicação local dentro aldeia, já que os problemas

internos afetava os moradores apresentando dificuldade para compreensão das informações.

Durante a rotina acadêmica de estudo no Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas (CEST- UEA), o acadêmico indígena Mayoruna Jovane Neves do curso de Ciências Biológicas conheceu o movimento de rádios livres e a rádio Xibé, que tinha entrado em funcionamento em 2006 criada pelos acadêmicos de Tefé com apoio de um professor .

Segundo Figueiredo (2021, p 2), a rádio classificada:

Como “livre” por seguir tradição da rádios libertárias que são geridas por coletivos sem diretoria e abertos á participação popular , promovendo a liberdade de expressão das pessoas comuns, independentemente delas possuírem conhecimento técnico de programação radiofônica. A Xibé funcionou um tempo na universidade, mas era sobretudo itinerante, sendo instalada em aldeia, comunidades, escolas e bairros em oficinas de educação popular.

Ao conhecer as ações realizadas pelas rádios Livre e Xibé, o acadêmico lançou o convite para que fossem para a sua aldeia Marajaí. E como sendo uma proposta do projeto, o professor e mais um apoiador foram fazer uma visita e lavaram a rádio Xibé para demonstrar como funcionava a comunicação através da rádio. Essa ação se realizou no ano de 2008. Foi uma novidade que gerou curiosidade para toda a população, pois nunca tinham vistos os equipamentos de uma rádio e como se funcionava.

Na ocasião, o professor fez um programa ao vivo, mas os moradores estavam abismados como seria possível ouvir a voz do parente por ondas sonoras da rádio, isso estando presente na própria aldeia. Assim, toda aldeia ligou seus aparelhos para ouvir a fala do professor Guilherme contado a história do Marajaí pela narrativas orais do tuxaua Lourival. Logo que terminou o programa, os apoiadores retornaram para cidade de Tefé.

Com essa possibilidade de comunicação por meio da rádio, pensou-se na ideia de uma reunião para discutir alternativas sobre comunicação local, mas para procedência especificadamente ouvir os moradores a respeito da comunicação como a rádio Xibé, durante a implantação com aplicação da oficina.

Nesta união comunitária dos moradores prontificaram alguns pontos de vista dos participantes da reunião, ressaltando que seria muito bom ter uma comunicação por meio da rádio, porém achavam não ser inclusiva a transmissão por sintonia de

estação de faixa, uma vez que a maioria da população não tinha o aparelho de rádio ou celular em suas casas para ouvir as informações locais.

Essa situação para momento não condizia uma comunicação inclusiva e expansiva para local, sendo que a comunicação do mayoruna tradicional sempre foi uma comunicação plausível de interação com espaço e de tudo que possui existência de vida no lugar.

Como possibilidade alternativa de comunicação e apropriação da rádio os moradores vislumbram uma visão de nova ferramenta como instrumento para propagar informação de maneira inclusiva, projetada atender as necessidades dos moradores quando a compreensão das informações. Com aprovação do tuxaua e dos moradores se deu num contexto a ideia de três professores lideranças, a partilhar da experiência presenciada numa comunidade ribeirinha Mamirauá, pela qual, os moradores utilizavam a rádio poste para comunicação da comunidade. Com a ideia lançada aos comunitários como alternativa para melhorar a comunicação local, já que as ferramentas de comunicação não sanava as necessidades da população. E com a vinda da rádio Xipé despertou interesse de toda população com sua potencialidade, assim como, a importância da implantação dessa comunicação para interação local dos saberes e conhecimentos.

Para além disso, a comunicação através da rádio como instrumento para facilitar e fortalecer os trabalhos internos de coordenação entre os membros das famílias. Com decisão aceita por todos compraram uma rádio de alto falante denominada a boca de ferro pelo antigos da aldeia. Assim, após a compra desse aparelho surge a primeira comunicação apropriada indígena nascida da experiência com a rádio Xipé, após a implantação da rádio poste se consolidou novas parcerias que buscaram interagir na aldeia. Com exercício dos trabalhos da comunicação indígena se efetuaram análise a demanda dos saberes culturais para compreensão as composições de quem conduziria o manuseio dessa ferramenta, já que se fazia necessário a participação dos indígenas para propagação no espaço.

Nesta ocasião, destacaram indivíduos participantes do movimento indígena na região do Médio Solimões, mas especificadamente o tuxaua e outras pessoas que participavam das assembleias realizadas. Outro fator importante foi apropriação dos professores que direcionaram o uso da comunicação para campo educacional, visto que passaram a desenvolver habilidades para propagar as informações locais.

A participação dessa ação contribuía para a comunicação indígena. Como fortalecimento da prática de comunicação no ano de 2016 por intermédio da acadêmica do curso de pedagogia Darlene Cavalcante Mayoruna participante como organizadora do evento realizado em Marajaí, pela qual recebeu oficinas realizadas em parceria com a UEA, Rádio Voz da Ilha, Rádio Xibé, Associação Mundial de Rádios Comunitárias do Brasil (AMARC-Brasil) e comunitários da Aldeia Marajaí. Nessa eventualidade os moradores participaram de palestras e formação sobre rádio e fortalecimento da comunicação local, assim como partilha de saberes das experiências tradicionais, além de conhecer as ações do trabalho com a comunicação de outras regiões. Além disso, os jovens e as crianças participaram das atividades desenvolvidas pelas redes de comunicação, os apoiadores que estavam na realização da atividade na aldeia, os acadêmicos, professores e outros.

A composição da mesa redonda se procedeu pela presença das lideranças da aldeia, bem como o tuxaua os comunicadores do evento e os comunitários. Na ocasião se discutiu a importância da comunicação para protagonismo dos povos indígenas, assim como da utilização de ferramentas tecnológicas para o aprimoramento dos saberes culturais, e como tem se destacado o trabalho da aldeia em procedimento através da rádio poste. Com abertura da conversa a fala do tuxaua contando suas experiências com rádio, além ressaltar a mudança da organização do trabalho coletivo. Ao final da partilha de saberes e viveres na área comunicacional, os participantes tiveram a oportunidade de conhecer através das oficinas a exposição de equipamentos do sistema da rádio, como as peças que compõem para a sua funcionalidade, a crimpagem de aparelhos, os fios específicos para a sua instalação. E para contextualizar essa técnica foi exemplificado uma breve explanação dos ministrantes das oficinas aos moradores presente na atividade. Atividade está realizada com exposição de várias peças de rádio, fio, microfone, funções desenvolvidas por cada equipamento e a manutenção de uma rede local.

Nessa atividade os comunitários aprenderam algumas práticas validadas para o funcionamento da rádio, pois tiveram acesso por meio da oficina com demonstração de técnica na execução apresentada. Após esse evento na aldeia, surgem novas parcerias para contribuir com expansão da comunicação local. No ano de 2017 foi a vez do Instituto Federal Tecnologia do Amazonas Campus – IFAM por intercessão de três estudantes indígenas da aldeia que buscaram desenvolver trabalho PCCT sob letramento digital indígena. A atividade foi desenvolvida no ambiente escolar com

exposição aparelhos tecnológicos tais como: computador, teclado, mouse, HD, HDMI, pendrive, cabo USB, caixa, monitor e outras peças presentes no laboratório de informática.

Para além dessa exposição, as três jovens estudantes ofereçam diversas oficinas, ensinavam os estudantes, professores e moradores a manusear computador, como fazer uma simples pesquisa, enviar email, receber mensagens, fazer saque em caixa eletrônico, criar conta no Google, digitar no computador, fazer uso de aplicativos. Essa atividade contou com a participação do IFAM para facilitar a formação das estudantes no curso de informática.

A realização dessa exposição das ferramentas na escola possibilitou os moradores a conhecer os aparelhos tecnológicos, uma vez que a aldeia já conhecia alguns meios comunicacionais como rádio, televisão, celular, câmera fotográfica dentre outros.

A partir da execução das parcerias para fortalecimento da comunicação na aldeia, uma crescente análise se fez pelos caminhos encontrados na educação. Uma vez que os estudantes utilizam desse meio como possibilidades para conter as demandas que chegaram a aldeia. Segundo o indígena Gersem Luciano dos Santos, da etnia Baniwa (2006), a escola torna-se um caminho para concretude de projetos socioculturais que fortalecem identidades étnicas e oferecem acesso ao conhecimento, possibilitando dar conta das demandas que chegam do mundo globalizado e midiático.

Essa apropriação se fez presente pela ligação a continuidade da ancestralidade indígena, bem como a construção do lugar de fala caracterizando esse lugar recente como educação aliada a comunicação. Neste aspecto de atuação dos povos indígenas no campo da comunicação destaca-se a comunicação dos Mayorunas, pois eles se dedicam pela realização de atividades locais atribuídas a propagação da informação articulada pelos fazeres e saberes do Mayoruna.

Para execução do processo de comunicação Mayoruna levantamos algumas questões do seu sistema próprio, que se baseia em diversas formas de transmissão de mensagens mobilizadora das ações mediado por elementos para além do uso da linguagem formal compreendida como lugar de representatividade simbólica, traduzindo os conhecimentos próprios para o sistema de comunicação conectado a coletividade e ancestralidade de um povo.

A comunicação Mayoruna se destaca pela fonte de conhecimento ancestral aliada a tecnologia como construção coletiva, uma vez que as ações da comunicação se

traduz pelo coletivo e pelo processo de apropriação dos conhecimentos para visibilidade e fortalecimento da valorização cultural indígena.

Para além da visibilidade, a comunicação indígena se alia aos anseios culturais procurando deter os estereótipos que a comunicação de massa apresenta a sociedade de modo geral, o mecanismo da comunicação indígena, especificamente do Mayoruna, se procedeu pela necessidade da população ao acesso às informações devido ao crescimento da quantidade de habitantes no local.

Não sendo algo distinto de povos que procuram pela melhor qualidade de vida, os povos tradicionais procuram empregar suas necessidades humanas de forma consolidada na união de todos, já que é para bem comum da sua população. A comunicação indígena sempre esteve pautada a promover as informações de forma inclusiva sempre levando em consideração aos conhecimentos dos Mayorunas, valorização cultural de seu povo, em outro caso propagar de forma coerente os fatores que afetam a sociedade como um todo, pois não é possível fazer comunicação indígena, sem viver as práticas comunicativas que cada povo possui dentro sistema de significados. Manifestações comunicativas parecem ser expostas à tona, porém a significância só será compreendida se fizer de sua vivência. Um anunciado capaz de conter todas as informações a entender que não se pode falar sem viver e muitos menos traduzir códigos comunicativos sem compreender o sentido da existência presente na conexão entre a comunicação própria e a comunicação apropriada utilizada para potencializar a rede indígena presente nos contextos históricos.

1.3 As vivências na aldeia a partir as novas ferramentas de comunicação

As novas ferramentas de comunicação na aldeia Marajaí, promoveram mudanças repentinas antecedidas do acesso os diferentes caminhos para propagação das informações. A chegada dessas transformações mobilizadas pelos meios de comunicação possibilita aos moradores acompanhar as ações desenvolvidas pelo tuxaua com a utilização na rádio poste. Com uso da rádio se procedeu a substituição das formas tradicionais de comunicação da aldeia. Além disso, os moradores passaram a ter contato com diferentes ferramentas tecnológicas para acesso a diversidade de informações de fora da aldeia. Com essa passagem muitas tradições indígenas sofreram adaptações para permanecer com a sua existência, uma delas foi a tradição das festividades espirituais indígenas. Essas adaptações culturais foram impactadas com forte acesso à internet, uma vez que a

população não estava preparada para receber e utilizar a seu favor como aliada das suas lutas e fortalecimento das demandas indígenas.

Para articular o movimento de transição dessa chegada recente da internet, a escola instituiu estratégias provenientes ao exercício do letramento digital dos alunos para que fosse possível conter interesse de forma coletiva para toda população da aldeia. Isso causou muito desgaste por parte dos corpos docentes, uma vez que em certas situações sentiam desconfortáveis para conseguir aliar o ensino curricular a valorização cultural indígena. Essa atividade escolar não condizia mais em proporcionar somente o que era tradicional sem mencionar o digital e comunicacional. Os professores juntamente com a liderança indígena se reuniram para solicitar a Secretária de Educação a instalação de ponto de acesso a rede de Wi-fi, visto que já existia um projeto do governo estadual para a inclusão de internet no interior, o chamado GESAC, um sistema de rede wifi via satélite.

Os alunos já tomado pelo uso das tecnologias não sentiam mais ter interesse em participar ativamente junto com os anciões dos ensinamentos carregados pela sabedoria para dar continuidade nos valores culturais. Isso foi motivo de preocupação por parte da aldeia entendendo que já não se tinha a língua materna como primeira língua. Assim se destruía uma válida esperança por parte dos anciões o legado tradições indígenas.

Em virtude dos fatos mencionados, as lideranças e o tuxaua fizeram inúmeras discussões para aceitar que a tecnologia seria uma ferramenta reflexiva pelo equilíbrio dentro território indígena, uma vez que passaram ouvir experiências de povos que já estavam aliados e usavam a tecnologia a favor de suas sabedorias. Com as recentes pesquisas em sites, especificamente, sobre a tecnologias nas aldeias indígenas entendendo que o cenário mudou. Porém o uso da tecnologia poderia ser uma ferramenta de acesso a vinculação dos saberes e conhecimentos tradicionais. A partir do auxílio das ferramentas tecnológicas possibilitaria configurar as riquezas formadoras na relação da vida indígena. Essa relação correspondente a comunicação como sentido de ensino, pois para alcance de toda população local não basta apenas falar, é preciso aprender o significado das relações entre a vivência e o afeto por parte de um todo.

Com o auxílio das ferramentas tecnológicas surgiu uma nova visão de que todos os seus conhecimentos e saberes indígenas poderiam de alguma forma ir se expandindo, por diferentes manifestações de comunicação como vídeos, registros em

geral feitos e produzidos por indígenas, através dos seus compartilhamentos nas mídias sociais.

Na descrição desses ensinamentos reportamos a vida da aldeia Marajaí, que ao longo de sua existência, com uso das tecnologias, tem buscado espaço para superar as suas dificuldades e anseios da população. A cada dia se tornam uma aldeia conectada com ferramentas tecnológicas digitais.

Em análise ao processo mediático a aldeia ter tomado posições como a promoção de pontos considerados importantes para ações comunitárias, mas como toda ação gera consequência, o uso de ferramentas digitais trouxe consigo muitos perigos ao acesso a diversos conteúdos inapropriados para e crianças e jovens Mayorunas. Ao entrarem no mundo virtual ocorreu um declínio no rendimento escolar. Quando não se traduz o sentido do mundo virtual os impactos na vida social podem ser comprometidos de forma negativa, visto que o espaço virtual já não consegue estabelecer certos limites quanto ao acesso no mundo real.

Observamos na aldeia um período em que tecnologia ajudou percorrer caminhos de passos largos, porém esses caminhos de certa forma fugiram do controle, uma vez que os jovens e crianças começaram a fazer uso de jogos eletrônicos e passaram a ter uma “vida virtual”, aderiram a uma prática de isolamento para viver fora do contexto familiar, passaram a adotar mecanismos fora do ambiente físico da aldeia.

Os conhecimentos culturais passados de gerações, já não supriam suas necessidades, visto que estavam aderindo ao novo estilo de vida da era tecnológica. Entre os Mayorunas funcionava um sistema de perda e ganhos com uso das tecnologias no território, pois a cada conquista por parte das ações dos próprios indígenas muitos sofreram dificuldade ao acesso e não conseguiam se posicionar para de alguma forma contribuir com o fortalecimento cultural do seu povo, ou simplesmente desvirtuar dessa aceitação do ser indígena, afim de tentar agarrar o caminho como forma menosprezar a conexão ao pertencer tal grupo respondido de sua ancestralidade.

A participação dos próprios indígenas com autonomia de suas escolhas surge com força para cunhar a expressão do que tenha vivido ao longo dos anos. Por outro lado, essa nova conceituação do ser indígena no mundo virtual corresponde a não se ver representado no espaço. E isso não correspondia uma vida conectada para mundo, já que as atividades só aconteciam no lugar físico. Isso levava confrontos

porte dos jovens de não sentir interesse. Quando questionados para sua participação das práticas culturais indígenas na aldeia, entendendo que não seria importante conter as sabedorias para uso contínuo das tecnologias em mãos. Essa visão se procedeu de forma presente no ambiente, pois os jovens com tempo começaram a fazer uso do aparelho celular em condições não somente de lazer, mas de trabalhos escolares com pesquisas gravações de vídeos e outros. Ao perceber dessa habilidade com as tecnologias os professores incentivaram os jovens a buscarem conteúdos de interesse da aldeia. Propondo fazer dessa iniciativa a aproximação dos conhecimentos tradicionais indígenas e usar as ferramentas tecnológicas como fio condutor de reflexão associada a atualização da nova realidade das aldeias indígenas, perante a sociedade em geral, e, principalmente a formação educativa.

A vivência colaborativa entre a comunicação dos povos, sem ela não se tornaria muito mais difícil ou mesmo impossível não acompanhar as adaptações dos povos a essas tecnologias, visando a promoção para bem estar, visto que atualmente as escolas buscam a implantação de NTICS, projetos de inclusão digital em busca de direitos para os povos indígenas.

Neste sentido, houve o fortalecimento das ações colaborativas das aldeias indígenas do Médio Solimões, aglutinados ao uso da tecnologia para promoção ao espaço de debates, isso tem acontecido na aldeia Marajaí, pois com a passagem do tempo os comunitários constituíram apropriação dos meios de comunicação como espaço de porta voz para falar e reivindicar as demandas e questões da aldeia de forma a prestação a serviços de comunicadores indígenas oriundos da própria etnia.

Em respeito dessa atuação, não só informações e ações foram levantadas para o exercício das atividades realizadas, como também a relação entre tecnologia e povos indígenas. Na medida que o trabalho desses colaboradores se prontificou frente à intencionalidade da vivência na aldeia, os caminhos seguidos tomaram outra proporção ao distanciamento da localização geográfica que formava a barreira para compreensão do uso tecnologia a sabedoria ancestral indígena.

Os comunicadores utilizavam da tecnologia dependendo das situações. Quanto ao seu uso como ferramenta para superação dos conflitos interno locais, escola e comunitários não sabiam seguir a prática educativa indígena sem perder o equilíbrio entre a tecnologia e as sabedorias ancestrais.

Com essa nova direção atuação de comunicadores unimos ao estudo de dois intelectuais indígenas Daniel Munduruku e Gersem Baniwa, que buscam mostrar que

existem possibilidades dos povos indígenas apropriarem-se dos conhecimentos recém chegados para promover visibilidade e espaço para consolidar suas lutas diante a constante opressão a que são submetidos as aldeias indígenas. Para tanto, essas apropriações são, sem dúvida, um processo que requer atenção para compreensão do modo como se relacionam os diferentes pontos de vista, a partir da relação dos conhecimentos que se desviam ao seu modo de expressão na vida pela vivência de determinadas aldeias indígenas. Diante desse acesso a comunicação, a Aldeia Marajaí, possui uma estrutura consolidada pela prática da comunicação indígena apropriada ao uso das tecnologias para realização do trabalho coletivo.

CAPITULO II- DESCOBRINDO A MINHA VOZ COMO COMUNICADORA INDÍGENA MAYOURUNA: UMA JORNADA AUTOETNOGRÁFICA

Este capítulo busca analisar a trajetória recente de uma comunicadora indígena Mayoruna a partir da vivência na prática junto com os processos correspondentes a sua atuação para realizações de atividades, sua participação em eventos, viagens e projetos, assim como os caminhos no mestrado para construção e formação e existência, além de líder feminina indígena do seu povo. Uma vivencia de encontros e desencontros na comunicação indígena.

2.1 Trajetória pessoal como comunicadora indígena Mayoruna

Nas últimas décadas, as populações indígenas vêm buscando espaços nos diferentes contextos sociais, seja na educação, na comunicação e entre tantos outros segmentos. Porém validamos o número crescente da participação feminina na área da comunicação, pois de modo geral as mulheres indígenas e não indígenas passam a seguir um novo caminho para sua atuação, uma vez que se tornam protagonistas de suas histórias, às quais vêm ganhando destaque dentre as instituições e mercado de trabalho.

Para além dessa visão, relataremos os passos de uma comunicadora recente ao processo de comunicação e posicionamento de mulher indígena que precisou ampliar sua visão de mundo para entender entre suas três fases interpretativas, o seu lugar de mulher, de comunicadora e pesquisadora.

A síntese de efetivação de minha própria formação procedeu ao entrar no universo da prática indígena acompanhando o trabalho dos comunicadores em ações para desenvolvimento da comunicação local.

Essa compreensão se constituiu pelo acesso à educação no ensino superior, uma vez que procurei agarrar as oportunidades do ensino como qualidade para entender os conflitos que apontavam como sujeitos indispensáveis ao fruto de pesquisas acadêmicas, uma vez que são vistos como indígenas caricaturados nos moldes da sociedade, pois as condições que os indígenas ocupam já não são os mesmos de quinhentos anos atrás. É necessário abrir uma visão para se situar no tempo e espaço. No caso das mulheres, essa revolta se fez com grande destaque pela virada de chave que elas proporcionaram pela persistência aos estudos educacionais carregados pelo desejo de mudança ao seu lugar de posição, uma vez que são vistas apenas como a provedoras as ações da força masculina anulando sua força enquanto mulher.

Para TODOROV (1982, p.58), as mulheres indígenas assumem uma posição que as torna “índio ao quadrado” historicamente passam ser oprimidas duplamente por europeus enquanto indígenas e mulheres. Tal situação retrata o lugar das mulheres indígenas na sociedade. Ao questionamento dessa relação busca-se compreender pontos importantes que subjugam a representatividade das mulheres, uma vez que sempre foram vistas como sujeitas sem condições para tomar posições na sociedade que muitas vezes ignoram a existência feminina.

Em análise dessa relação de ser indígena e mulher, validamos a trajetória da indígena Darlene Cavalcante (2020). Em seu trabalho que conta o seu papel enquanto mulher indígena, no uso de suas atribuições como estudante, mulher, mãe e trabalhadora.

Acrescenta que sua entrada na universidade contribuiu para emancipar enquanto mulher, pois os caminhos da participação no ensino superior abriram-se um leque de possibilidades correspondente as suas ações, enquanto voz ativa dentro de sua efetividade feminina. O lugar que mantinha seu silêncio se rompeu e tornou-se militante engajada a desenvolver projetos em favor do seu próprio povo.

Acredita-se que com apropriação da educação é possível prover força para espaço feminino, além do espaço a possibilidade para configurar uma potente atuação dessas mulheres em diferentes áreas. Essa nova atuação de mulheres indígenas em diferentes áreas se configura sobre minha trajetória pessoal enquanto comunicadora indígena Mayoruna.

Como a direção dessa narrativa, propus-me dentro da análise do discurso. Minhas experiências adquiridas ao longo do trabalho debruçado nos desafios de

minha formação, enquanto mulher indígena do povo mayoruna. Ao ingressar na academia provida de várias inquietações centralizei pelo foco da educação como suporte para caminhada perseguida de desafios e conflitos. Ao que tudo indica me tornei uma mulher com distintas semelhanças de Darlene Mayoruna, pois a convivência na aldeia já não era como mesmo modo de vida anterior. A passagem do tempo adaptou diferentes formas de atuação das mulheres indígenas. Foi nesse contexto, que iniciei minha caminhada para formação de comunicadora indígena. Sendo uma das mulheres do povo Mayoruna acompanhar o exercício da prática de comunicação indígena realizadas por homens. No primeiro momento, estive carregada de insegurança na atuação desse novo espaço, providos da força masculina.

De acordo Dorrico (2017) a comunicação possibilitou que os indígenas exclamem suas vozes para expressar suas inquietações,

Silenciados, negados e anulados historicamente, vemos, como uma atitude cada vez mais consolidada no meio indígena, lideranças e intelectuais indígenas apropriarem -se direta e fortemente da literatura, do livro, da internet, isto é, dos meios de comunicação que circundam a academia e o jornal para se expressarem e denunciarem a violência física e simbólica a que são submetidos, tensionando esse espaço de produção de discurso com suas vozes, literaturas, performances, artes plásticas, e, com isso mostrando, por meio de suas expressões, que reivindicam o presente, o passado e o futuro.

Neste sentido, as afirmações da autora quanto espaço oferecido aos indígenas pela comunicação, percebe-se a potencialidade das vozes que circulam entre as diferentes manifestações comunicativas, mas para além desse espaço as vozes indígenas possam produzir novos discursos sobre o lugar do ser indígena, assim como as singularidades de suas necessidades e demandas sofridas por seus povos. A comunicação como possibilidade de visibilidade no âmbito social representa, sobretudo, uma força entendida como a presença das ações humanas atribuídas como sentido de pertencimento e lugar.

Ao centrarmos nessa trajetória pessoal como uma descoberta de minha atuação como comunicadora, mergulhei nos significados das diferentes linguagens como forma de comunicação. Na comunicação indígena diferente da comunicação de massa é necessário aprender a força dos seus passos, isto é, não existe um

manual de forma escrita de como se torna uma comunicadora com êxito profissional nomeada por uma instituição ou mesmo coordenação.

A comunicação indígena se determina pela força coletiva do próprio povo, visto que em muitas situações consagra os falantes urgidos por uma entidade maior, o tom de falar. Os mais antigos da aldeia contam que a história do macucaua o pássaro que tem a voz vibrante. Os Mayorunas dizem que para ser falador é preciso ouvir e entender o chamado do macucaua. Ao tocante dessa história contada pelos meus avós desde minha infância como toda criança indígena com vivência em aldeia, comecei meus passos como apenas ouvinte das histórias narradas por minha família.

Como lugar de origem, as memórias que remontam a presença de onde venho, em especial da minha trajetória pessoal vivenciada na aldeia Marajaí. Para começo desse relato, farei uma breve apresentação de quem sou como mulher e comunicadora indígena ao longo de todo o período de aprendizagem.

Sou Mariany Martins Santos, sou do povo Mayoruna localizada na aldeia Marajaí, margem direita do rio Solimões, no município de Alvarães, no Amazonas. Povo conhecido como navegantes do Vale do rio Javari em Atalaia do Norte no interior do Amazonas.

Com uma família numerosa, filha de pais indígenas e sete irmãos. Desde muito nova, sempre procurei participar das festividades do meu povo, além de interesses para aprender a língua materna, já que meus pais não são falantes da sua língua materna Mayoruna. Ainda na adolescência comecei a participar das diferentes rodas de tambor junto da minha avó, assim como participava dos cultos das igrejas evangélicas e católicas presentes na minha aldeia.

Perante esses acontecimentos, aos poucos se consolidavam minha formação pessoal, sobretudo, a visão e o respeito pelas religiões e seus mais diferentes significados. Com o passar dos anos, devido a diversidade religiosa na aldeia, percebi que não falava muito sobre as questões indígenas de nosso povo, bem como os nossos rituais de passagem, nossas cantorias e nossas alianças com a terra. Por ser uma adolescente, apenas me questionava sem fazer perguntas aos mais antigos da aldeia, isso eu guardei por muito tempo, mas, precisamente, até entrar no Ensino Médio, onde tive a oportunidade de estudar disciplinas que falavam sobre as outras culturais e a cultura indígena, assim como idiomas. Ali foi um marco na minha história, pois nutriu ainda mais a curiosidade e interesse pelo universo indígena e as cosmovisões de meu povo.

Ao finalizar Ensino Médio entrei na universidade levando comigo a certeza que não saberia muito sobre as origens de meu povo. Foi durante a graduação pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) que passei a descobrir a nuances que silenciavam a história de povo Mayoruna, assim como as perdas que sangravam em suas memórias sofridas pelas opressão, a proibições de sua língua materna, o preconceito e a discriminação que amarguravam sua existência como povo indígena. Um povo que sobrevivia às margens de muitos conflitos do passado e que o presente se configurava das consequências e usavam suas forças para seguir e aos poucos estavam enfraquecidos sobre a dor de muitas perdas.

Ao descobrir sobre as dores de meu povo sobre as proibições de nossa língua materna, passei a me dedicar ao tema e, ao final da graduação, tive a oportunidade de realizar um projeto de pesquisa sobre os desafios sofridos pelos Mayorunas da aldeia com relação sua língua materna, cultura e identidade. A partir daí se tornou uma ponte entre aldeia e a linha de atuação enquanto estudante indígena, surgindo a paixão e a vontade em compreender o processo histórico identitário do povo Mayoruna do Médio Solimões. Senti-me na responsabilidade de levar informações sobre estudos e debates relacionados questões que afetavam o povo Mayoruna, assim como dar espaço para voz aos mais experientes da aldeia.

O diálogo entre conhecimentos acadêmicos e os conhecimentos indígenas passaram a compartilhar as informações pertinentes tanto para academia quanto para o povo Mayoruna. Neste sentido, Dorrico (2017) argumenta que [...] dinamizar seus saberes, mensagens e apelos político-culturais em espaços de eventos acadêmicos, culturais e políticos [...] por parte dos povos indígenas, seus intelectuais e lideranças, é apropriar de ferramentas antes de domínio quase que exclusivo do não-índio – escrita formal e publicação de livros, internet, rádio –, em uma reconfiguração dessas ferramentas em prol de seus próprios interesses.

Essa reconfiguração pela educação tornou-se uma importante aliada para o meu exercício no processo de engajamento pela representatividade nos espaços tanto por parte acadêmica quanto comunitária, passei a participar de eventos informativos, seminários e curso relacionados às questões indígenas, além de ser aprendiz no processo de lutas e movimentos como possibilidade para crescente voz feminina. Nessa etapa de participação me dediquei a ser uma colaboradora do estudos das questões indígenas, principalmente ao ingressar no Mestrado. Iniciei novamente a busca por novos horizontes mantendo firme meus anseios aos estudos indígenas.

Ao longo do tempo, percebi que precisaria mudar minha rota de direção sobre a relação indígena estreita laços, e mergulhar num novo panorama, para a minha surpresa, as disciplinas ministradas no mestrado abriram várias possibilidades que foram de encontro com as questões ao estudo pretendido. Entretanto, seria no campo da comunicação uma área que no meu contexto pessoal era até então desconhecida e não tinha familiaridade nenhuma com o estudo a ser pesquisado, que comecei minha jornada.

Cresci num ambiente formado por diversos contextos sociais advindo dos aspectos que são atribuídos pelos parentescos. Ao fazer parte do meio que estava inserida, vivi rodeada pela diversidade religiosa e cultural do povo Mayoruna. Porém minha presença não demarcava a minha voz ativa enquanto comunicadora.

A partir das várias pesquisas sobre área da comunicação passei a seguir um grande caminho, já que não tinha âmbito de falar passei a compreender a atribuição da comunicação como sentido de pertencimento ao lugar. Aquele espaço configurado com meio, o uso do aparelho de rádio, são coisas que representam a vida comunicativa na aldeia. As pessoas procuravam promover a dinâmica de suas rotinas acompanhada do som do lugar.

A comunicação indígena mencionada por Tukano (2016) se faz presente a partir do indígena estar no lugar de representação como participante junto às manifestações culturais.

Com eventualidade dessa participação me senti próxima da conectividade do ser com outro. Uma condição de mensageira carregada de memórias infinitas significados ao calor de uma voz que ecoada aos pontos estratégicos de toda aldeia. Como realização das práticas juntos aos comunicadores conectei ao pensamento de Daniel Munduruku que mesmo com uso das tecnologias jamais deixaremos de ser indígena.

A nossa essência cultural não se faz pelas aparências e aptidões aos anseios de algo novo, mas pela junção do que temos ao que construiremos. Como mulher indígena me senti na posição de privilegio ao contribuir de certo modo a conduzir o tocante da comunicação. Não me prontifiquei em nenhum momento me colocar como estudante em presente formação, mais uma indígena com a certeza de alia as suas origens. Ao falar para toda aldeia me sentir impulsionada a seguir trabalho de formação para além de comunicadores da própria aldeia.

Para conceder o trabalho, é necessário dividir em ser mulher, comunicadora e estudante. As posições perceptíveis de uma mesma pessoa tocada pelo gênero correspondente, feminidade de pessoa, uma hora busca e se envolve para além do trabalho, outra se ver como representante da singularidade da geração cercada do uso das tecnologias para fomentar o trabalho de uma mulher que cresceu e viveu todas etapas da vida na aldeia. A sua representatividade enquanto mulher indígena na comunicação fortaleceu a luta do povo Mayoruna. Já que sua presença demonstra estímulo aos jovens e mulheres para atribuição da força coletiva indígena no espaço.

2.3 As experiências de formação na comunicação indígena Mayoruna

Para desenvolvimento da pesquisa de mestrado comecei a fazer parte do grupo de comunicadores indígenas Mayoruna do Médio Solimões, residentes na aldeia Marajaí. A temática comunicação indígena por ser um tema que começa a tomar destaque nos moldes acadêmicos, ganhou mais espaço nos últimos anos. A participação indígena, em especial das mulheres, representa uma das conquistas concretizadas nas lutas pelo reconhecimento.

A colaboração dos trabalhos na área da comunicação passou a envolver os trabalhos coletivos da aldeia, mas dessa vez não como uma comunitária e sim, no envolvimento as questões da população tendo participação ativa sobre assuntos emergentes a população Mayoruna. E para que fosse possível conter toda a familiaridade no campo comunicativo, tive que acompanhar o trabalho dos comunicadores indígenas que passaram ser ponto de referência para minha formação e atuação, mas adiante já tendo firmado parceria fui convidada para acompanhar as atividades de rotina dos comunicadores.

Conheci muitas pessoas que ajudaram no meu crescimento e que se envolveram com esse trabalho. Outro fator importante, é a representação de todos os moradores pela rádio Yanekuema, uma construção coletiva que faz parte da vivência Mayoruna com apropriação radiofônica. Essa apropriação se fez pela necessidade da população em manifesto a evolução humana e aumento crescente no processo de mudança do lugar relacionadas as ações humanas. Segundo Passadori (2009) destaca que a comunicação:

[...] conduziu-nos á interação nos levou ao aprendizado. Primeiramente, gestos desenhos e grupinhos atendam nossas

necessidades básicas de informação, como a busca de alimentos e proteção contra intempéries. Posteriormente, organizaram o grupo, dividiram o trabalho, criaram estratégias de defesa, demonstraram sentimentos e preferência etc. o ser humano criou as linguagens, a arte a beleza e atingiu estágios de evolução e revolução incríveis por meio da comunicação[...] (PASSADORI, 2009,P.9).

Sendo assim, a evolução ligada diretamente ao desenvolvimento do processo comunicativo em diferentes esferas tem ajudado aos indivíduos organizar e configurar o trabalho e as atribuições para determinado grupos sociais. Na execução dessa organização coletiva o trabalho com a comunicação indígena se torna eficaz para os Mayorunas, pois em todas as eventualidades que acontecem na aldeia, tais como: aviso escolares, eventos, convites, palestras, programas de rádio, trabalhos escolares são atividades que exercem grande importância para os comunitários, além de ter se tornado uma poderosa ferramenta para os trabalhos dos saberes dos anciões, bem como a língua materna Mayoruna.

A realização da comunicação indígena se faz pelas ondas sonoras da Rádio Poste Yanekuema promovida pelo autofalante, a mesa de som e microfone que transmitem informações para toda aldeia. A figura 17 mostra a imagem do momento que pronuncie a toda aldeia informando sobre evento da Escola de Rede Comunitária da Amazônia / PSA e o ajuri dos Tecedores de Paneiros que aconteceria na aldeia.

Figura 17- Formação



Fonte: Guilherme Gitahy

Ao pronunciamento dessa ocasião para toda população as atividades que seriam desenvolvidas na data marcada. Naquela ocasião percebi que a comunicação indígena tem a potencialidade para aderir que as pessoas tenham acesso a

informação de forma igualitária, haja vista que essa comunicação são acessíveis para todas as pessoas na aldeia como espécie de comunicação indígena, presente comunitária, uma vez que trata-se de levar informações pública para todas as pessoas que fazem uso de meio, bem como participam e mantém proximidade afetiva entre os que conduzem e administram as ações da prática comunicativa.

Para análise da comunicação comunitária buscamos estudos de Perruzo (2002, p19) acrescenta que,

A comunicação comunitária se caracteriza por processo de comunicação baseados em princípios públicos tais como : não ter fins lucrativos, propiciar participação ativa da população , ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com finalidade de educar, promover a cultura e ampliar a cidadania. Na prática através da participação ativa dos sujeitos integrados em seu contexto, a comunicação produzida pelos cidadãos organizados contribuí para crescimento dos grupos e de suas comunidades.

Na colaboração do autor a compreensão da comunicação comunitária entendida como comunicação horizontal aquelas cujos sujeitos participantes são autônomos sem remuneração financeira e colaboradores de trabalho coletivo exercidos pela participação ativa da população assistido pelo interesse comum em levar através da prática para difundir e ampliar assuntos de interesse a toda população.

Na comunicação Mayoruna as decisões são sempre tomadas de forma coletiva, assim como as pautas que evidenciam as demandas internas da aldeia acrescidas de reuniões para partilhar e aprender. Nessa partilha comunitária percebe-se um momento do grande diálogo entre todos participantes que se fazem presente.

Realizei ponderações de forma interrogativa as necessidades da aldeia lançando ideias e ouvindo opiniões dos moradores que estão presente construindo uma rede coletiva de comunicação partilhada pelos interesses da aldeia, com finalidade, sobretudo, em promover uma comunicação que atenda e colabore com a cultura local, além da participação de todos os comunitários. De acordo com Perruzo (2002, p.3), a comunicação comunitária se alicerça aos princípios de comunidade, sendo eles: participação coletiva, sentido de pertencimento responsabilidade de conteúdos emitidos, gestão partilhada e identificação com a cultura local, ou seja, a comunicação comunitária é, contudo, uma comunicação que se compromete com os interesses das comunidades, com propósito de ampliar os direitos e deveres da cidadania.

Na singularidade, o exercício da comunicação indígena se evidencia nos princípios que correspondem ao compromisso da gestão coletiva sobre a filtração de assuntos considerados importante para informação local. Os comunitários têm a total liberdade para desempenhar seus atributos perante os meios de comunicação.

Como ação do processo de comunicação indígena os comunicadores se reúnem, após ouvir os relatos dos moradores no sentido de formular estratégias que sejam viáveis a comunicação de forma coletiva.

Ao fazer parte da comunicação indígena juntos aos comunicadores aprendi determinadas práticas e técnicas de comunicação adotadas pelos membros comunicadores, como uso de força para vibrar a voz no alto falante, a essência do afeto a origem indígena, a pontualidade das expressões e o carisma na busca de conteúdos culturais e informativos. A participação as práticas da comunicação junto posicionamento análise da comunicação indígena possibilitou uma grande troca de conhecimento a partir do diálogo entre os comunicadores e ações desenvolvida. Como demonstração das atividades as imagens desse processo desenvolvido. No exercício das atividades de comunicação indígena.

As ações realizadas pelos comunicadores são bem pensadas e garantidas coletivamente.

No encontro decorrido, foi possível acompanhar a elaboração de anúncios para vendas dos produtos dos comunitários. Um ponto importante para ressaltar é modo de subsistência da aldeia Marajaí, uma vez que os comunitários passam a participar no processo de elaboração do plano de ação da comunicação para mobilização de recursos e atividades econômicas. Um fator interessante se fez pela articulação do serviço prestado, a despesa e a manutenção do aparelho da rádio, já que se faz necessário manter pagamento da luz elétrica.

A aldeia estabeleceu um sistema aquisição como responsabilidade de toda população participar de forma coletiva. Quando um comunitário necessitar do aparelho para uso pessoal pagará uma taxa de dois reais. Essa verba será destinada ao pagamento das despesas da rádio. É por meio desse sistema coletivo contribuinte que a rádio mantém suas atividades como benefícios para toda aldeia.

Os moradores têm o compromisso de cuidar e participar, pois utilizam desse meio como fonte de benefício.

Os Mayorunas buscaram por estratégias para custear parte financeira da rádio de modo a permanecer com sua própria autonomia no meio comunicacional sendo

uma ferramenta de acesso livre sem restrição a comunicação vinculada a fins comerciais e patrocínios, pois a existência da rádio nasceu de forma coletiva e nada mais justo que manter sempre com a mesma união pela mobilização comunitária.

Essa organização indígena dos Mayorunas é uma fonte preciosa de tomada de decisões na construção de uma sociedade mais justa, em que as atividades realizadas possam inspirar a participação ativa dos indivíduos em sua garantia de direitos, bem como de deveres que possam facilitar acesso a maioria sendo fundamental no desenvolvimento da cidadania.

Essa construção coletiva na prática da comunicação Mayoruna só foi possível a partir da compreensão de que é necessário que todos participem e sintam-se parte desse espaço como forma de interação pela maneira coerente dos meios de comunicação disponíveis, pois os seus direitos e deveres enquanto ouvinte não são apenas ouvir, mas tornar-se dirigente dessa ação como atuante a realização das atividades, isto é, a comunicação indígena diferentemente da comunicação de massa se concretiza na ideia do fazer pelo pertencimento de uma população, já que seu envolvimento não se situa apenas pela contribuição de uma determinada parte, e sim pela ligação de um todo, ou seja, não se faz comunicação indígena somente pelo uso da tecnologia, mas pela interação existente entre as pessoas, o ambiente e tudo que dar sentido à vida.

Como posição ao uso de novas tecnologias presente na execução das práticas comunicativas indígenas, destacamos o uso de novas ferramentas tecnológicas como computador e celular tomando posse na contribuição e efetivação das atividades desenvolvidas pelos comunicadores, como elaboração de roteiros, realização de entrevista e seleção das vinhetas musicais que antes os comunicadores buscavam de outros meios para sua prática.

A realização dessas atividades juntos aos comunicadores possibilitou a ampliação do espaço para personalidade da mulher indígena. Ao entrar como colaboradora da atividade foi possível perceber o quanto é importante conhecer e vivenciar a comunicação como sentido emancipação e de tomada de decisões.

Segundo Cavalcante (2020), estar no mundo precisa ter força de vontade para superar medo e conflitos, já que a sociedade já limita a mulher ser uma dona de casa, mãe e filha e sem direito de opção. Autora coloca que as mulheres necessitam ter experiência diferenciada como sentido de encorajamento para presenciar a sua força enquanto mulher. Essa virtude dos fatos mencionados pelos caminhos seguidos por

muitas rupturas de barreiras para superação de sua própria essência. A essência feminina está carregada em sua forma de vida pessoal.

A mulher indígena carrega na memória o ensino que uma vez aprendidos com suas ancestrais jamais passaram esquecer. O sentido do fazer como ofício do viver em comunhão diante da comunicação. Ao concretizar essa formação na comunicação compactua uma nova visão para realidade em que vivo, pois a comunicação como espaço formativo consolida diferentes caminhos.

Os quais seguirei com continuidade dessas vivências em sociedade, tendo como resposta de minhas inquietações a sobre a comunicação como fortalecimento da cultura e do ensino, e afinal a existência de conhecer outro e si mesmo.

Como integrante do grupo de comunicação indígena vivenciei, sem dúvida, uma riquíssima formação ao longo do exercício desse trabalho como mentora. As ações de projetos que tenho trabalhado e a ajuda de muitos colaboradores evidenciam grande conquista para toda aldeia. Essas conquistas se pertenceram da participação e parcerias formada pelo projeto PSA – Projeto Saúde Alegria filiado da Escola de Rede Comunitária da Amazônia, Tecedores de Paneiros, Projeto Arte na Escola e outros que buscam fortalecer e apoiar a comunicação indígena.

2.4 Desafios e oportunidades na comunicação indígena Mayoruna

Ao iniciar a realização das práticas comunicativas juntos aos comunicadores, formamos parcerias em outros projetos, mas como todo e qualquer ação exige determinação tempo e compromisso para efetividade de atividade, a comunicação indígena não tinha pessoas que estivessem dispostas a fazer uma formação para atuação de comunicador (a).

Neste período a Escola de Rede Comunitária da Amazônia fez uma seleção de sete projetos para fazer uma formação na área da comunicação para isso disponibilizaria três vagas para os alunos que seriam os multiplicadores da ideia dentro de cada localidade residentes das sete regiões. Objetivando ampliar seus conhecimentos sobre a utilização da comunicação de forma eficaz dentro dos territórios. Ao conhecimento do trabalho de comunicação da aldeia Marajaí como indicação do professor da Universidade Estadual do Amazonas um dos membros da escola de Rede Comunitária da Amazônia (ERC- AM), nos agraciou pela oportunidade para conhecer os diferentes tipos de trabalhos desenvolvidos por sete regiões.

Na posição de coordenadora do projeto, planejei como faríamos parte desse projeto, pois a fase de estudos confrontava a dedicação exclusiva para participar das reuniões, mas com tempo decidi aceitar a proposta lançada e fomos adiante com a parecia.

Nas reuniões com coordenadores e subcoordenadores iniciamos a etapa de formação. No primeiro momento, apresentamos as ideias do projeto de comunicação da aldeia Marajaí, em seguida tivemos a visita de uma das coordenadoras. Ela conheceu nossa região e o nosso meio de comunicação, na oportunidade apresentou para toda população os objetivos do projeto, assim como ofereceu oficina sobre uso da comunicação como ferramenta de visibilidade e potencialidade.

Os canais de comunicação disponíveis para fortalecer os trabalhos, bem como a sua utilidade dentro da aldeia, buscando interação e ao mesmo tempo a preservação dos conhecimentos indígenas. Nesse contexto, a partir das ações realizadas pela formação, buscamos envolver todos os comunitários a fim de compartilhar das atividades que seriam realidades dentro do período de formação no âmbito social, comunicacional e econômico.

Do evento foram escolhidos três alunos para integrar na (ERC-AM) para serem representantes da aldeia. Porém iniciou uma etapa bastante perturbadora para escolha dos alunos comunicadores. A condição do trabalho exercido para a formação dos professores chefes de suas famílias exigia bastante tempo e dedicação para fazer parte da escola. Apesar dos contratempos, os comunicadores aceitaram participar da formação apesar de seus compromissos e trabalho. Entretanto, a busca se permanecia pela participação de mulheres no grupo, todas as mulheres se diziam estar ocupadas, assim como não tinham identificação para falar ao microfone na rádio para toda população.

Em decorrência desse fato específico, tomei as rédeas da situação, mesmo com medo e insegurança decidi me colocar à disposição para fazer a formação de comunicadora objetivando mostrar que podemos se fazer presente nos diferentes espaços para amplificar nossas vozes, assim como a capacidade da mulher indígena como contribuinte do trabalho coletivo de sua população. Tornei-me uma mulher indígena comunicadora protagonista assim como as demais.

De acordo com (POTIGUARA, 2018, p.21), a força feminina se traduz pela vivência com mulheres sábias guardiãs dos saberes ancestrais que foram transmitidos dia após dia a jovem potiguara por meio das tarefas do cotidiano.

Nessa lógica da força feminina mencionada pela autora refaço aos ensinamentos aprendidos com as mulheres que convivi pela garra e determinação. As Mayorunas são guerreiras que assimilam ser protetoras das florestas e lutam pela a subsistência da sua identidade.

A comunicação indígena para elas não traduz pela oralidade, pois sua comunicação se faz pela arte e pelo compromisso dividir o ensino pelo fazer e não pelo falar. Quando precisam ensinar seus filhos a nadar no rio, tecer palha, subir em arvores, as mulheres não falam, e sim levam na prática da atividade, pois acreditam se torna muito mais eficiente mostrar do que falar aos seus filhos que precisam aprender. Com a questão dessa omissão do discurso as mulheres Mayorunas são sujeitas apenas manter discurso entre elas e seus parceiros já que não sentem seguras diante de público maior. Nesse contexto, a mudança da posição feminina na área comunicativa se transformava não como apenas uma formação, mas para além disso, o levantar de uma nova geração de mulheres Mayorunas que não sentem inferiores aos homens, mas querem falar ao mundo ganhar espaço e multiplicar suas vozes. A partir dessa participação na comunicação foi possível entender que os comunicadores são amplificadores da informação local.

2.5 Escola de Rede Comunitária da Amazônia PSA

A escola de Rede Comunitária da Amazônia é uma iniciativa que nasce da proposta da PSA (Projeto Saúde Alegria) junto com organizações da APC e Rhizomatica que pela primeira vez buscam de forma horizontal conectar regiões desconectadas. Na escola Rede comunitária da Amazônia suas ações são desenvolvidas pelo PSA .O Projeto Saúde e Alegria – PSA – é uma instituição civil sem fins lucrativos que atua em comunidades tradicionais da Amazônia desenvolvendo programas integrados na área de organização social, saúde, saneamento básico, direitos humanos, meio ambiente, geração de renda, educação, cultura e inclusão digital, visando melhorar a qualidade de vida e o exercício da cidadania. A arte, o lúdico e a comunicação são seus principais instrumentos de educação e mobilização social integrado junto da ERC- Amazônia.

Ao longo de intensas partilhas de saberes e experiências construídas na formação de escola de rede, a articulação escolar busca conduzir seus trabalhos sociais, educacionais, comunicacionais entre tantos outros.

É por intermédio do desenvolvimento de alternativas que essa rede propõe capacidades e formas de sustentabilidade para as populações com foco em assistência técnica, capacitação, assessoria para fortalecer e mobilizar aos comunitários seguirem seus trabalhos de forma flexível, e ter a valorização de suas potencialidades e manejos locais, das suas fortalezas, além das riquezas que cada região possui sobre a diversidade dos conhecimentos carregados do tradicional ao tecnológico, isto é, ajudar as redes comunitárias a utilizarem suas fontes para seu engrandecimento seja da parte econômica, cultural ou social.

2.6 Projeto

Ação do projeto da escola (ERC- Amazônia) é parte da iniciativa global “Conectando os Desconectados”, Promovida pelas organizações APC e Rhizomatica, busca conectar comunidades desconectadas por meio do desenvolvimento de modelos, capacidades e formas de sustentabilidade para populações com foco em assistência técnica, capacitação e mobilização comunitária.

A criação coletiva se procede pela formação aos 21 alunos de organizações em três estados da Amazônia Legal (Acre, Amazonas e Pará).

Como integrantes da escola estamos presentes além de comunidades selecionadas. Para participar da formação são: no Pará, os projetos Ciência Cidadã na Aldeia Solimões e Guardiões do Bem Viver no PAE Lago Grande – ambos no município de Santarém – e a Rede Águas do Cuidar/ Casa Preta na Ilha de Caratateua, grande Belém. No estado do Amazonas, a Aldeia Marajá, município de Alvarães – Médio Solimões; o Grupo Formigueiro de Vila de Lindóia em Itacoatiara; e a Rede Wayuri em São Gabriel da Cachoeira. No Acre, a Aldeia Puyanawa, em Mâncio Lima.

Na realização das atividades de forma remota foi possível conhecer os projetos de outras regiões e compreender as redes comunitárias organizadas para realizar sonhos coletivos para o território, onde partilham conhecimentos e expressam o desejo de conquistar o direito ao uso da internet, ao acesso de tecnologias para participação social, participação em rádios comunitárias e processos formativos de comunicação (PSA,2022). As Redes comunitárias partem do princípio de respeito à liberdade e neutralidade da rede. Com uma dinâmica de participação ativa de seus membros, operam com ou sem apoio de entidades do terceiro setor, objetivando uma propriedade coletiva.

O PSA (Projeto Saúde e Alegria) foi uma das grandes conquistas para comunicação indígena Mayoruna. Durante o período de formação foi possível ver relação de comunicação dos diferentes projetos trabalhados por sete regiões. Na primeira etapa de formação tivemos aulas aos sábados com as partes teóricas do trabalho e discussões de textos. Tivemos alguns problemas de participação devido à conexão com a internet, pois o ponto de acesso wi-fi às vezes não funcionava. Isso não ajudava a participação nas aulas, porém com diminuição dos casos de coronavírus, se organizou o primeiro encontro presencial dos sete projetos envolvidos na (ARC-AM) que aconteceria em Santarém no Pará para apresentar as propostas dos projetos de comunicação elaborada para cada região. Na oportunidade do encontro ficamos receosos de estar saindo pela primeira vez do Estado do Amazonas, mas confiamos na intuição de que seria possível para contribuição de nosso trabalho na área da comunicação. Com anúncio para toda aldeia juntamos nossas bagagens. Recebemos incentivo por parte de nossas ações para mostrar que estamos prontos para receber novos conhecimentos, assim como também poderíamos compartilhar nossos saberes.

Segundo o PSA (2021), a promoção das atividades presenciais é uma maneira de acompanhar as sete redes comunitárias que procedeu de forma satisfatória para toda coordenação do projeto pela presença das redes comunitárias. Sentiram-se agraciados diante de muitos projetos, assim como os relatos dos comunicadores que traziam consigo o desejo de fortalecimento e a soma para multiplicar seus saberes. Diante das apresentações dos projetos das sete regiões tivemos a certeza de não estamos sós, mas abraçados por um coletivo de rede estavam dispostos a nos ajudar e isso nos alegrava com a certeza de estávamos no caminho certo.

Com a exposição de nosso trabalho de comunicação indígenas ganhamos muitos incentivos por termos fortalecidos e apresentados para as regiões.

A efetivação no processo da Escola de Comunitária da Amazônia possibilitou conhecer as experiências de comunicação dos territórios, assim como suas fortalezas e desafios enfrentados para realização do trabalho. As experiências de cada coletivo se consolidavam pela ação do trabalho dentro de seus próprios territórios. Sendo uma partilha de saberes, correspondente uso da comunicação para promover visibilidade as populações que usufruíram do trabalho do coletivo, passando a garantia de nova postura as redes colaborativas frente o trabalho das grandes empresas de

comunicação. Estes passam a ser protagonista na defesa de existência e convívio com mundo a criação de suas histórias no campo da comunicação.

Na escola ERC- AM conheci a rede de comunicação Wayuri. Na ocasião estava a comunicadora indígena Claudia que apresentou seu projetos realizados na sua região compartilhou de suas histórias pessoais que como mulher comunicadora serviram de inspiração para minha vida enquanto comunicadora em formação, além do mais a comunicadora salientou que estava feliz por nossa presença e começou as ações de nosso projetos na comunicação indígena ressaltando da importância desse trabalho para as populações indígenas, uma vez que acredita que as redes articuladoras indígenas têm potencial bastante elevando para contribuir com as culturas indígenas.

Também conhecemos o trabalho da rede Puyanawa, do Acre com a presença de comunicadores jovens no exercício do trabalho. Foi um dos momentos mais importantes durante a minha participação. Ao estar junto da comunicadora Cláudia, a partir de seus relatos pessoais, as suas atividades se tornaram um momento único marcado de muito aprendizado. A comunicadora mostrou todas as suas angústias prelevadas para trabalho. Ao perceber o caminho que estava seguindo junto aos comunicadores que diziam ser aos anunciadores de certas informações. A comunicadora mostrou os passos que precisamos alcançar.

Além de mostrar a caracterização do trabalho com a comunicação, os comunicadores relatam como foi processo linguístico de sua aldeia, já haviam passado por situações parecidas com as quais nos encontramos no momento transitando sobre as experiências da comunicação assim como as reviravoltas de que a tecnologia contribuiu para o trabalho na aldeia.

Diante dessa realidade passei ter conversas paralelas com a comunicadora que ponderei muitas situações que levou a estar utilizando das tecnologias para fortalecimento da cultura indígena assim como destacou as grandes conquistas realizadas.

Ainda que fossem comunicadores jovens percebemos que suas experiências os tornavam grandes sabedores e conhecedores de seus territórios, assim como engratecidos por suas ações do trabalho na comunicação somando com projeto da ERC e PSA na articulação de ideias para fomentar o trabalho na comunicação.

2.6 Telecentro Indígena Médio Solimões

O Telecentro da aldeia Marajaí é dos projetos que estar sendo elaborado a partir da participação dos alunos na ERC-AM. Como resultado da formação dentro da escola tem proposta para contribuir com valorização cultural da aldeia, assim como espaço propício a serem desenvolvidas as atividades coletivas dos comunicadores Mayorunas que possam permitir acesso aos comunitários ao manuseio da informática e uso de internet, a incorporação das mídias digitais ao processo de produção da rede comunicação Mayoruna, através de blogs, conteúdos locais para expandir para fora do acesso local. Os frequentadores do local serão toda população com faixa etária diversificada.

O PSA que acompanhará os primeiros trabalhos do primeiro telecentro indígena de comunicação que colocará objetivamente o seu plano de trabalho como fonte para estratégias aprendidas diante da formação oferecida pela escola de rede da Amazônia.

Como suporte dessa prática terá monitores que estarão auxiliando aos comunitários dentro de suas atribuições exercendo assim a finalidade de iniciar a promoção de acesso para utilizar de forma coerente os de meio de comunicação.

O espaço comunitário proporcionará diversas atividades distribuídas em formação através de oficinas, palestras, minicursos, teatros, audiovisual, cursos de informática, aula com tradução da língua materna. Além do espaço estar estruturado como lugar de ensino também compartilhará de atividades culturais por meio do uso da rádio comunitária. Telecentro é uma sede criada para realização das ações comunicativas do trabalho na comunicação e valorização da cultura indígena, pois projeto pesado para fortalecer ações culturais e digitais do espaço padronizado como telecentro indígena.

CAPITULO III - A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO

Ao longo de muitos anos, os povos indígenas se propuseram se aliar as diversas fontes como suporte para engradecer suas lutas e resistência, mas para isso, foi necessário compreender a importância da comunicação e fazer uso dos meios para sua ativa participação, uma vez que a comunicação possibilita ocupar os espaços para além da ampliação de suas vozes. A manifestação das sobrevivências aos diversos

conflitos sofridos para manter a obediência e a proferir o silêncio que repercutem pela aceitação do que lhe impõem como representação da verdade.

Na visão descentralizada desse poder de manobra da comunicação de massa situa-se a comunicação indígena vista como parte de comunicação itinerante, já que sua finalidade era sobressair da comunicação dos moldes tradicionais, ou seja, uma comunicação sem certificação de validação de formação como dentre outros ramos comunicativos já que seus articuladores indígenas, em muitos casos, são pessoas que não possuem certificado de comprovação na área da comunicação dito os comunicadores, uma vez que sua formação se procede pela vivência e participação nas lutas sociais, ou mesmo em eventos sociais que os tornam os animadores da ocasião realizada.

Em contexto a singularidade da comunicação indígena, está se configurando como gestão coletiva para o exercício de suas atividades porque não existe responsável pelo gerenciamento de todo o processo de comunicação de forma transitória, já sua ação se prevalece de uma ação comunicativa representada pelo censo coletivo do povo e para o povo, isto significa que a gestão da funcionalidade da comunicação indígena se estabelece a favor das prioridades emergenciais, a partir de suas particularidades em certas situações convenientes às demandas de cada população.

Essa particularidade da comunicação indígena junto aos povos, evidencia destaque ao uso dos meios como ferramenta poderosa de resistência para expressar ideias, opiniões e visões de mundo, criando conexões com outras pessoas, estabelecendo relacionamentos e mobilizando grupos em torno de causas e objetivos comuns.

É por meio da comunicação indígena que os povos articulam demandas e criam redes que amplifiquem as vozes marginalizadas que ao longo do tempo se mantiveram oprimidas e que agora utilizam da comunicação para permitir espaço às vozes e empoderem compartilhar, reivindicar suas experiências para fortalecer suas lutas através da construção do espaço na comunicação. Como posse das ações comunicativas, a relação do capítulo percorre as manifestações no exercício da prática e sua performativa relação no contexto formativo

3.1 A comunicação indígena como espaço de formação

A comunicação não apenas possibilitou contar e viver as faces do processo comunicativo, mais refletir como a comunicação torna-se uma legítima condução para

nos conhecer quem somos diante do espaço que ocupamos, pois, a menção daquilo que ouvimos no contar e se enraíza profundo quando descobrimos a riqueza do sentir e pertencer.

A comunicação como meio informativo designa elementos construtivos que são aprendidos de forma constante, as transformações nas relações sociais e a relação de sentido pela capacidade de ver as coisas no mundo com uma proposta da relação dialógica do papel de formação participativa da comunicação no campo colaborativo com o espaço de conhecimento, já que as práticas comunicativas são emersas nos lugares educativos. Nesse caso, ressaltamos a comunicação indígena é certo dentro de suas práticas não efetivadas do ofício de comunicação produtiva de moldes institucionalizada como são efetivados vetores comunicativos produtivos.

A comunicação indígena reconfigura a forma de ensinar e aprender e assim reconstruir e desconstruir por si e pelos sentidos atribuídos ao mundo carregados de valores que simbolizam o processo educativo através da comunicação.

No processo formativo dos povos tradicionais, a comunicação desempenha um papel crucial na transmissão de conhecimento, tradições e valores. É por meio de práticas educativas próprias que os povos tradicionais fortalecem sua identidade, preservam suas culturas e reforçam a coesão social.

A linguagem oral é um dos principais meios de comunicação para os povos tradicionais, utilizada para transmitir conhecimento ancestral, histórias, mitos, e práticas tradicionais. A transmissão oral dos conhecimentos é processo formativo essencial permitindo que as gerações mais jovens aprendam com os mais velhos e preservem a sabedoria acumulada ao longo dos séculos.

Além da linguagem oral a comunicação no presente atual se faz presente no cenário visual e de artefatos culturais, como pinturas corporais, tecidos, cerâmicas, objetos rituais e esculturas. Esses artefatos comunicam símbolos, significados e rituais que desempenham na formação identitária e no fortalecimento da coesão social dos povos tradicionais.

A comunicação indígena também é um instrumento de resistência e empoderamento, permitindo que os povos defendam seus direitos e reivindiquem seus territórios lutando contra a discriminação e a marginalização.

Através da comunicação, os povos indígenas afirmam sua identidade pedem reconhecimento pelos seus espaços e promovem a valorização de suas culturas perante a sociedade envolvente.

3.2 Os caminhos seguidos pelos ajuris coletivos de comunicação indígena

Na comunicação indígena tudo se torna coletivo, pois sua base é a vivência no cotidiano da aldeia. Uma realização do fazer de forma colaborativa. O ajuri representa a mobilização dos comunitários indígenas para realizar os trabalhos providos da colaboração no sentido entender o compartilhamento do espaço.

A união para os ajuris são as partilhas, as vivências carregadas de significados. Uma relação entre o falar e pertencer. Isso podemos demonstrar através da ação coletiva dos mayoruna. Ao realizarem tal atividade sentem-se representados por suas próprias descrições. Essa representatividade por meio de suas atividades é marcante na vida desse povo. Geram momentos satisfatórios para toda a vida.

Dentro do contexto coletivo, frisamos a participação do ajuri do projeto Os Tecedores de Paneiros. Um coletivo de pessoas que buscam trabalhar de forma voluntária para consolidar seus reconhecimentos. E para conter as atividades do coletivo desenvolvem ajuris de projetos, isto é, um projeto que contribuir para fortalecimento de outro projeto. Auxiliando nas atividades, oferecendo oficinas, palestras, teatro e outros trabalhos na área da comunicação.

A primeira iniciativa das atividades dos ajuris de projetos surgiu na aldeia Marajaí, os colaboradores se organizaram na logística de viagem para ajudar o projeto de comunicação da aldeia. O dia do evento foi programado por diversas atividades.

Os tecedores são colaboradores da comunicação indígena no Médio Solimões. Essa colaboração foi fundamentada pelas ações na aldeia levando diferentes atividades desenvolvidas, essa colaboração ocorreu por intermédio da participação do coletivo de comunicação indígena participantes do projeto “Os tecedores de paneiro.

Com ações desenvolvidas na aldeia para fortalecimento da comunicação indígena, percebemos o quanto se fez importante a colaboração diferente caminhos. O trabalho dos tecedores possibilitou que os comunitários e as crianças aprendessem de forma prática as dinâmicas da comunicação como estratégia de apropriação as suas atividades no dia a dia.

A oficina da edição de vídeo mostrou como os jovens poderiam gravar seus próprios vídeos. O sistema audiovisual mostrou como trabalhar os diversos temas a partir de sua prática. O cinema e a arte mostraram muitas possibilidades para trabalhar

no contexto educacional. A oficina de maquiagem cinematográfica contribuiu para a prática do grafismo indígena a fim de aperfeiçoar diferentes detalhes.

Neste sentido, notamos quando é possível fortalecer o trabalho da comunicação local da aldeia. Na eventualidade foi possível conter a participação dos comunitários presentes nas atividades dos ajuris coletivo, isto é, a solidariedade se propôs a contribuir uma mensagem que significa comunicação associada o meio por onde os povos se comunicam entre si e com a sociedade em geral.

O ajuri na comunicação é considerado uma expressão de identidade para os ancestrais como forma de compartilhar conhecimentos mantendo-se através da oralidade em realização de trabalho como histórias, cantos, danças e artes.

Com a nova inclusão do meio de comunicação, os ajuris coletivos passam a compartilhar ferramentas para complementar a tradição oral, como rádio, a televisão a internet e as redes sociais.

No ajuri da comunicação todos podem contribuir de maneira que se sintam livres para expressar suas habilidades, experiências, crença, valores e conhecimentos de forma individual ou coletiva já que o espaço é uma realização coletiva almejada pelo todo como a força da união objetivando melhores condições e transformações nas ações realizadas.

3.3 Formação do Coletivo Sucudapá

A Formação desse coletivo de comunicadores nasce da proposta de consolidação tecer uma rede coletiva formada por comunicadores indígenas do Médio Solimões abrangendo o município de Alvarães, Amazonas. O Nome Sucudapá é de origem indígena da língua materna significa Japó pássaro da região amazônica tecedor de seu ninho. Foi escolhido esse nome para consolidar as ações do trabalho com a prática comunicativa. Assim como esse pássaro tece seu ninho, queremos tecer nossas diversas redes.

O coletivo Sucudapá é um coletivo de comunicadores indígenas que se uniram para promover e valorizar a cultura indígena Mayoruna. O grupo foi formado em 2022, na aldeia Marajaí. Os criadores sentiam a necessidade de se unirem para lutar pela expansão da comunicação, a luta no fortalecimento de suas ações e direitos, e a valorização da cultura indígena.

O nome Sucudapá vem da língua indígena Mayoruna, pois a conexão comunicativa do pássaro japó se configura uma artesã da natureza refletindo o

objetivo do coletivo de ser um espaço de encontro de troca entre comunicadores e indígenas para promover diálogo para a colaboração das lutas dos Mayorunas, visando a valorização e o respeito aos direitos e os conhecimentos tradicionais indígenas.

Esse coletivo nasce da ideia de aliança entre comunicadores locais, mas que buscam também exercer ações fora do contexto local, a fim de compreender o processo de comunicação indígena como forma de torná-la algo participativo nos espaços sociais.

Nos últimos anos, os diversos povos vieram ocupando espaço no meio comunicacional e social, e os Mayorunas ao sentir essa necessidade de expansão da comunicação necessitavam tê-la a favor de suas ações comunicativas, uma vez que ainda não estavam organizados e mobilizados para desenvolver atividades participativas dentro e fora do contexto local e territorial.

Diante disso, o coletivo Sucudapá deu exemplo de mobilização e resistência social engajados pela luta, valorização e preservação da cultura indígena atrelada uso do conhecimento tradicional e ao uso dos novos meios de comunicação no território Mayoruna no médio Solimões.

O coletivo está em consolidação da consagração permanente dos comunicadores (as) Mayorunas que almejam fortalecer seu trabalho da comunicação indígena em suas participações aos diversos espaços. Eles tem por objetivo fortalecer a comunicação e buscar desenvolver atividades educativas relacionadas à escola, pois esse coletivo tem interesse futuramente de criar espaço colaborativo de uma rádio escolar para promover as professores espaço na propagação de seus trabalhos, assim como próprias lideranças tenha autonomia para criar suas interações e mobilização social.

Os “sucudapaenses” enfrentam diversos desafios que podem dificultar a sua formação e desenvolvimento. Os principais impactos se procedeu pela diversidade de ideias e perspectivas diferentes. Houve discordâncias na hora de tomar um ponto crucial para desenvolvimento do trabalho na área da comunicação como sentido para o diálogo interativo. Na situação a falta de conexão, o coletivo precisava construir conexões e parcerias com meio em que está inserido para ser conhecido e ser desenvolvido ações para mobilização do público alvo e da divulgação do trabalho realizado. A outra condição importante está relacionada a parte de recursos

financeiros para poder investir em sua construção e disseminação de informação podendo limitar o crescimento e comprometer o futuro do coletivo.

Além do recurso financeiro se propôs novas questões de gerenciamento a liderança de organização, do funcionamento para manter equilíbrio entre as responsabilidades e as tomadas de decisões.

Os desafios impostos no coletivo Sucudapá se alinharam pelo caminho de comunicação colaborativa baseada na força da partilha objetivando uma proposta clara e definida pelo referenciamento de fortalecer a cultura Mayoruna, investindo em atividades que promovam à união do grupo e a construção de laços firmados em compromisso, paciência e colaboração mútua manifestando o desejo e a vontade de manter firme a comunicação indígena Mayoruna.

3.4 A comunicação a serviço de lutas e fortalecimento indígena

Para engradecer todas as ações do processo comunicativo indígena, a passagem do tempo foi um grande marco para referência o lugar de ocupação dos povos tradicionais, pois ao longo dos anos foi possível configurar as lutas históricas e a menção do momento atual em relação a comunicação em sua luta por reconhecimento, direitos e fortalecimento. Além de fortalecer os povos indígenas se prontificaram a exploração de novos horizontes usufruindo das formas tradicionais e digitais, destacando a importância para ressignificar como as ferramentas tem sido usada para amplificar suas vozes e preservas a tradições culturais. Para auto representação, valorização a comunicação a serviço das lutas e fortalecimento indígena culminam estratégias de responsabilidade social, parcerias interculturais e políticas de representatividade. Os arranjos apontam capacidade chegar o lugar como existência a forma idealizada como efetividade das condições de ocupação em espaço legítimo pela capacidade de representação dos povos tradicionais no processo de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embebida pelos caminhos da prática da comunicação indígena numa particular relação entre a vivência e a percepção. Enquanto estudante me propus a entender melhor a dinâmica da vivência para sentido da comunicação local do meu próprio povo, a expressão dos processos de participação para cunha os sentimentos carregados pelas leituras em Antropologia, ao ofício do lugar e suas dimensões na sociedade. Assim, propomos o conceito de viver e comunicar como ferramenta das relações para uso da comunicação no espaço social, já que em diferentes momentos o comunicador precisar entender a sua própria realidade para só depois comunicar. A comunicação indígena possibilita a esses comunicadores o direito de escolher entre o que mostrar e o que não apresentar.

Os comunicadores não só podem mais falar pelo som, mas mostrar através das telas como celulares e computadores.

A vivência no tempo habitual tem colocado muitas apropriações no uso da comunicação indígena com a chegada da internet, estão mais presentes nas redes sociais, pois muitos indígenas iniciam sua carreira da comunicação pela sua própria realidade de mundo. Benites (2012) destaca que muitos jovens indígenas passam a utilizar os meios tecnológicos para defesa de seus territórios, assim no desenvolver de processo de formação vivenciei algumas situações peculiares a minha atuação enquanto estudante, pois os conhecimentos tradicionais que fazem parte da minha vida são em sua grande maioria as manifestações presentes na ciência carregada informações válidas para a compreensão do mundo.

Ao olhar de comunitária indígena as interações são uma rotina assistida pelas necessidades inseridas com tempo e espaço social. Essas necessidades buscam alternativas promoção da vida humana como forma de sobrevivência de qualquer povo. A vivência indígena toma forma de comunicação por meio de diferentes caminhos, a fim de contribuir para valorização cultural e continuidade de suas tradições que ao longo do tempo se perdeu boa parte. Hoje toma novo espaço de interação. Durante o período de formação juntos aos outros comunicadores foi possível perceber a importância da comunicação no contexto de toda aldeia, uma vez que os comunitários entenderam que as pessoas que são consideradas comunicadoras fazendo parte de um contexto social.

A comunicação indígena é mais que uma comunicação apenas falada, mas sentida como algo pertencente de povo firmado no valor de sua ancestralidade.

A minha trajetória como comunicadora indígena foi uma jornada permeada por muitos desafios e lutas, mas também por momentos de grande aprendizado e satisfação. A pesquisa autoetnográfica é uma ferramenta poderosa para compreender a perspectiva individual e coletiva de pessoas pertencentes a certos grupos. Ao utilizar dessa metodologia, pude perceber que a minha trajetória como comunicadora indígena foi marcada por um profundo senso de responsabilidade e compromisso com minha aldeia e com questões indígenas em geral. Ao mesmo tempo tive que enfrentar estereótipos, preconceitos e desafios estruturais que impedem a participação e inclusão dos povos indígenas na mídia e em outras esferas de poder.

Minha vivência como comunicadora indígena me permitiu compreender que precisamos valorizar ainda mais os diálogos interculturais.

Atuar como porta voz indígena na mídia me deu oportunidade de trazer à tona assuntos relevante ao meu povo, pontuando a imensa diversidade de pensamentos e ideias que compõem a aldeia indígena.

O caminho percorrido como comunicadora indígena revelou o quão importante é a construção de nova visão à cerca dos povos indígenas, onde a pluralidade de perspectivas é valorizada e a voz indígena é ouvida, essa trajetória também possibilitou evidenciar a necessidade do Estado assumir um papel mais atuante na garantia dos direitos humanos indígenas, através de ações estratégicas e eficaz para a inclusão e participação em diferentes espaços. Em suma, a pesquisa autoetnográfica permitiu a reflexão sobre minha trajetória como comunicadora indígena e a compreensão sobre a necessidade contínua de trabalharmos na desconstrução dos estereótipos e preconceitos que ainda cercam a cultura indígena, permitindo uma construção mais plural e justa para todos os povos indígenas.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR,A.(2010).**Identidade/diversidadecultural no ciberespaço: práticas informacionais e de inclusão digital nas comunidades indígenas, caso dos Kariri- xocó e Pankararu no Brasil.** (tese de doutorado). Recuperado de <https://repositorio.un.br /10482/7113?mode=full>.
- ACOSTA, Raylson Chaves , SOUZA,Vinicius Quedes Pereira de, **Etnomídiaindigena como narrativa das resistências.** Extraprensa : São Paulo, 2021. Acesso: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2021.185427>
- BANIWUA, Gersem Luciano. **Indígenas no Ensino Superior: Novos desafios para organização indígenas e indigenistas do Brasil.** In: SMILJANIC, M.I. Curitiba: Nexo , 2009. P.187-202.
- BENITES, Tonico. **A educação dos jovens Guarani e Kaiowá e sua utilização das redes sociais na luta por direitos.** Revista Desidades , n. 2 ano 2, mar 2012.
- CARELLI, Antônia Costa da. **Belo Monte: vozes que clamam.** Boa Vista: Editora da UFRR, 2016.
- CASTELLS, Manuel ,1942- **O poder da comunicação.** Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne; revisão de tradução de Isabela Machado de Oliveira Fraga- 4ª ed.- São Paulo/ Rio de Janeiro : Paz e Terra 2019.
- DORRICO, Julie. **A literatura indígena brasileira e as novas tecnologias da Memória: da tradição oral á escrita formal e á utilização de mídias digitais.** Revista Littera online, n.14, 2017.
- DORRICO, J. (2017). **A mídia e a literatura como ferramenta de autoafirmação e re-existência dos povos indígenas na contemporaneidade.** Em: Cei, Vi.et al (Orgs). O que resta das jornadas de junho. (pp.65-91) Porto Alegre: Editora Fi.
- DUARTE, N. **NokeMeviRevôshoShovimaAwe. ‘o que é transformado pelas pontas das nossas mãos’: o trabalho manual dos Maubo do rio Curuçá.** -- Rio de Janeiro, 2017. 141 f.
- _____ERCA, Escola de Rede Comunitária da Amazônia. **Manual de redes comunitárias,** Brecha digital, 2021.

FIGUEIREDO, et al. **Práticas e teorias indígenas da comunicação na América Latina**. Revista contracorrente ed. UEA, 2021.

FIGUEREIDO, Guilherme Gitahy de. CAVALCANTE, Darlene dos Santos. **Desentocando : Uma práxis feminina de decolonização**. In **pedagogias de(s)coloniais [livro eletrônico]saberes e fazeres** / Elson Santos Silva Carvalho, Dornival Venâncio Ramos Júnior, Inês Fernandes Mouján (organizadores)- Goiânia: Elson Santos Silva Carvalho, 2020 , PDF.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005 a 1989.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Tradução Rosica Darcy de Oliveira/prefácio de Jacques Chonchol Rio de Janeiro : Vaz, 1977.

MUNDURUKU, Daniel. **História e Memória**, UnB, Brasília, 2004.

KAPLÚN, Mario. **EL Comunicador popular** . Buenos Aires: Humanitas, [s.d.]. 1985.

JÚNIOR, Dornival. **Pedagogias de(s)coloniais: saberes e fazeres**. Palmas: Ed. UFT, 2018.

MUNIZ TUPINAMBÁ HÃ HÃ HÃE, Anápuáka. **“Mídia de massa não funciona para propagar comunicação indígena”**: um dos fundadores e coordenadores da Rádio Yandê, fala sobre as tecnologias de comunicação indígena, da pintura corporal à produção audiovisual, durante o evento Mekukradjá - Círculo de Saberes, ocorrido no Itaú Cultural. São Paulo, 6 de out. 2017. Disponível em: . Acesso em: 20 nov. 2021.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **A comunicação na educação**; tradutoras Maria Immacolata Vessallo de Lopes e Defne Melo. _São Paulo, 2014.

_____ entrevista concedida por Jovane Noteno. **Historia e descrição das narrativas**. Setembro de 2020.

Júnior. N. **Internitcidade: “Caminhos das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação entre Povos Indígenas**. Dissertação de Mestrado. Recuperada de <https://repositorio.ufsc.br/12345678962>; Salvador, 2017.

OLIVEIRA, Cristina Nascimento. **O Etnodesenvolvimento como uma perspectiva para o Etnojornalismo**. Revista do Núcleo Histórico Socioambiental – NUHSA, - V 1, N.3: Editora UFRR; outubro, 2014.

OLIVEIRA, Bruno Pacheco de, Mídia índio(s): **Comunidades indígenas e novas tecnologias de comunicação**. Rio de Janeiro: contracapa : LACED, 2014.

In: MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org Mary de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar , 1994, p.345. (Biblioteca Luso- brasileira. Série Brasileira.

PEREIRA, E. (2016, dezembro, 8-9-10). **Digitalização e práticas comunicativas indígenas: por uma perspectiva ecológica da comunicação**. IX Simpósio Nacional ABCiber. São Paulo, Brasil. 2016.

PERUZZO, Cicilia. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2006.

COMISSÃO NACIONAL SOBRE OS DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE (CNDSS). Carta aberta aos candidatos à Presidência da República. Setembro de 2006. Disponível em: Acesso em: 16 dez. 2022.

TUKANO, Á. (2016). **Sociedade da informação da informação para as comunidades indígenas .inclusão social**,1(2),113-112.

TODOROV, Tzvan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo : Martins Fontes, 1999[1982]

VAZ, Florêncio Almeida. **A incômoda reorganização dos povos indígenas no baixo rio Tapajós**. In: GARCÉS, Claudia Leonor López; SILVA, Cristhian Teófilo da; MORALES, Elena Nava (org.). Desafiando Leviatãs: experiências indígenas com o desenvolvimento, o reconhecimento e os Estados. Belém: MPEG, 2019.

Sites acessados em 28 de abril de 2022:

_____ A tecnologia pode transformar vidas . Disponível

<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Mais-de-50-cidadesrealizam-manifestacao-em-solidariedade-aos-guarani-kaiowa/5/26076>

<http://revistaforum.com.br/spressosp/2012/11/manifestacoes-em-defesa-dos-guaranikaiowa-espalham-se-pelo-brasil/>

http://atyguasu.blogspot.com.br/gle.com/search?q=resumo+sobre+comunicação+indigenas&rlz=1C11SCS_ptPTBR988BR988&oq=resumo+sobre+comunicação+indigenas+&aqs=chrome..69i57j33i16racc-ufba.com.br/sem-categoria/abril-indigena-modos-indigenas-de-fazercomunicacao/#:~:text=A%20Comunicação%20Indígena%20foi%20historicamente,público%20mais%20amplo%20não%20ocorra. artacapital.com.br/blogs/midias-indigenas-por-uma-comunicacao-intercu

Sits acessados em 2023

<http://www.Dicionárioaurélio.paulomattosconsultoria.com.br/>

Anexo

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Constituinte uma pesquisa autoetnográfica a partir da minha trajetória de comunicadora indígena Mayouruna.

Pesquisador: MARIANY MARTINS SANTOS

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 2

CAAE: 68447623.0.0000.5016

Instituição Proponente: Centro de Estudos Superiores de Tefé

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.287.253

Apresentação do Projeto:

As informações contidas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas dos documentos contendo as Informações Básicas sobre o Projeto de Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2107651.pdf de 27/07/2023) e do Projeto Detalhado.

RESUMO

O presente estudo apresentará de minha trajetória enquanto comunicadora visando a prática comunicativa como Mayouruna e a sua influência no ensino superior a partir do esboço da pesquisa autoetnográfica, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humana (PPGICH), da Universidade Estadual do Amazonas (UEA). Dessa forma, objetiva-se desenvolver os aspectos fundamentais e mais específicos do conceito de autoetnografia como base na própria experiência vivida, como fonte para descrever novos caminhos para campo empírico de atuação estruturado dos aportes teóricos, em sua maneira autorreflexiva construída no processo do mestrado como fonte de dados. Para isso, nos unimos aos estudos de autores indígenas como Vaz Filho (2019), em seu trabalho apresenta questões que visam a destacar a importância de suas experiências vividas e o uso do método da autoetnografia. Com isso, tomando como foco minha pesquisa pretendo debruçara as riqueza de minhas atuação em favor das decisões sobre a caracterização do estudo realizado. Para Santos (2017, p. 291), autoetnografia denominada do

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.287.253

método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição que será pesquisado quanto desenvolvido da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e história de vida, por exemplo) e os fatos relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com tema escolhido, etc. Assim posto, a autoetnografia como método que pode ser usado na investigação e na escrita abordamos na proposta sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender e desenvolver princípios para pesquisa a ser desenvolvida. Nessa concepção, os passos utilizados para o desenvolvimento da presente pesquisa. A qual denomino como autoetnografia, porque trazem concepções de dentro para fora no campo epistêmico. Como membro da comunidade, oriunda Mayouruna, aproprio- -me do mundo letrado para trazer e ressignificar as práticas comunicativas a partir da nossa cosmovisão, potencializando-o como ciência, onde vai desmitificar o lugar acadêmico com campo empírico da nossa pesquisa, abrindo possibilidades para os novos caminhos na pesquisa.

METODOLOGIA

A metodologia a ser utilizada na pesquisa se configura como autoetnográfica proveniente a experiência pessoal da pesquisadora, bem como as suas ações e as práticas na comunicação indígena. Enquanto participante da pesquisa utiliza-se de sua própria vivência como fonte de dados. Para Linda Smith (2018), essa posição complexa, se dar a partir da relação simultaneamente com suas próprias comunidades e as comunidades de pesquisa. Mediante a concepção da autora compreende-se abordagem autoetnográfica como método de uma pesquisa que busca entender a partir de sua própria história e experiência para análise de estudo realizado. Segundo indígena Vaz Filho (2019), apresentou de sua própria experiência enquanto pesquisador e participante do estudo realizado. Traduzido pela apropriação de sua experiência para sua análise como fonte de dados a partir de suas ações no contexto educacional. Neste sentido procura-se fazer análise dos dados envolvendo como fonte da pesquisa as experiências própria para descrição dos resultados. Autoetnografia para Caroso (2019), é instrumento de registro autoetnográfico reflexivo da história, com foco sobre a trajetória profissional, ou seja, da própria trajetória pessoal enquanto participante. Esta é narrada em primeira pessoa, exceto quando tenho de incluir, ceder espaço e, verdadeiramente, contracenar com outros participantes das mesmas situações, cenas, momentos, lembranças e esquecimentos. Para tal percurso metodológico, a pesquisa encontra-se estruturada em teórico metodológico direcionada como pesquisa autoetnográfica, na qual participante faz parte do contexto do campo a ser desenvolvido o trabalho. E sua efetivação será

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
 Bairro: Asa Norte CEP: 70.719-040
 UF: DF Município: BRASILIA

Continuação do Parecer: 6.287.253

distribuída de três etapas a primeira elaboração do referencial de cunho bibliográfico, uma autorreflexão participante, análise e descrição dos resultados. A autoetnografia que pretendo realizar na pesquisa se distingue a participação de outros indivíduos, a relação deste estudo articula-se de minhas experiências pessoais, buscando interpretar a temática as práticas comunicativas indígenas Mayouruna. A pesquisa trata-se de uma abordagem autoetnográfica tendo como questão norteadora os processos da comunicação indígena mayouruna. E como sujeito da pesquisa a própria autora comunicadora oriunda de etnia Mayouruna como língua materna Matsés troco linguístico Pano. A técnica escolhida da pesquisa encontrasse pautada na aplicação de uma autorreflexão direcionadas as suas ações na comunicação indígena. Ao efeito de todos os cuidados necessários para tal situação que encontra-se a posição de pesquisadora e autora da pesquisa visando os cuidados para não colocar expor seu povo, as restrições correspondentes de suas práticas ao distanciando mediado pelos protocolos à realização da pesquisa. Sucedido da própria experiência integrante da pesquisadora atuante as práticas da comunicação indígena envolvendo de uma análise em destaque as correlações as vivências no contexto de sua comunidade, bem como a participação e construção neste processo de transformação universitária. Para os propósitos do presente objetivo do trabalho destacam-se uma breve apresentação do cenário de evidências a trajetória da participante que poderá assinar a necessidade de reflexões acerca da efetividade da inclusão feminina e permanência no campo da comunicação, o que afeta a trajetória acadêmica da estudante indígena. Evidencia-se constituir um diálogo constituída das narrativas da participante dependendo das condições destacadas a situação da pesquisa com respaldados pelo Comitê de Ética em pesquisa – CONEP. Os resultados dos dados da pesquisa serão organizados de forma qualitativa as quais serão descritos.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

A minha pesquisa é uma autoetnografia sobre as percepções e experiências de comunicadora e acadêmica indígena durante a transição no ensino Superior, com objetivo de entender melhor as barreiras e oportunidades enfrentadas na comunicação indígena e suas práticas para apoiar e fortalecer as questões indígenas. A minha amostra consistirá de minha própria trajetória no campo da comunicação a qual estou ciente do consentimento informado.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Construir uma autoetnografia a partir das práticas comunicativas indígenas Mayouruna visando de minha própria experiência enquanto comunicadora.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
 Bairro: Asa Norte CEP: 70.719-040
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3315-5877 E-mail: coneco@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.287.253

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar como a comunicação indígena, visa a participação feminina no contexto social e as percepções baseada no discurso narrativo da pesquisadora;
- Descrever as experiências no âmbito da comunicação indígena para sistematização dos saberes culturais e articulação aos meios comunicativos;
- Entender como as práticas comunicativas afetam a identidade e a integração da pesquisadora a partir da realidade local;
- Explorar as nuances do trabalho como comunicadora indígena a partir de ações comunitárias mediada pela interação comunicativa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

No decorrer da descrição da pesquisa apresentar de forma pejorativa informações sobre povo Mayouruna. Demonstrar por palavras de duplo sentidos.

BENEFÍCIOS

Será um benefício para população indígena em favor do protagonismo na execução do trabalho, assim como apresentar diferentes elementos da comunicação indígena para agregar juntos dos conhecimentos científicos, além de ser construção de trabalho pessoal em contrapartida a comunicação hegemônica. Ressaltamos ainda a visibilidade e a participação em eventos que contemple a temática desenvolvida na descrição.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo nacional e unicêntrico, com uso do método da autoetnografia. Objetiva ao reconhecimento e à inclusão da experiência do sujeito pesquisador.

Caráter acadêmico: realizado para obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humana (PPGICH), da Universidade Estadual do Amazonas (UEA). Trata-se de uma experiência da participante comunicadora indígena residente na Terra Indígena Marajá, calha direita do Rio Solimões, município de Alvarães, Amazonas;

- Apresenta anuência da liderança indígena;
- Apresenta declaração de indígena moradora da aldeia;
- Solicita "dispensa de TCLE" (arquivo TCLE.pdf, de 21/03/2023) por se tratar de uma autoetnografia realizada exclusivamente pela pesquisadora.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
 Bairro: Asa Norte CEP: 70.719-040
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.287.253

Continuação do Parecer: 6.287.253

Financiamento próprio; orçamento: R\$ 540,00.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram observados óbices éticos na documentação do protocolo de pesquisa.

Considerações Finais a critério da CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2107651.pdf | 27/07/2023 14:00:07 | | Aceito |
| Outros | Carta_resposta.pdf | 27/07/2023 13:59:02 | MARIANY MARTINS SANTOS | Aceito |
| Outros | declaracao_de_Lideranca.PDF | 27/07/2023 13:47:13 | MARIANY MARTINS SANTOS | Aceito |
| Declaração de concordância | Declaracao_etnicidade.PDF | 27/07/2023 13:45:19 | MARIANY MARTINS SANTOS | Aceito |
| Outros | carta_anuencia.PDF | 27/07/2023 13:42:44 | MARIANY MARTINS SANTOS | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | projeto.pdf | 21/03/2023 15:08:45 | MARIANY MARTINS SANTOS | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf | 21/03/2023 15:06:07 | MARIANY MARTINS SANTOS | Aceito |
| Orçamento | orcamento.pdf | 21/03/2023 14:34:43 | MARIANY MARTINS SANTOS | Aceito |
| Cronograma | CRONOGRAMA.pdf | 21/03/2023 14:34:04 | MARIANY MARTINS SANTOS | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha.pdf | 21/03/2023 | MARIANY MARTINS | Aceito |

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
 Bairro: Asa Norte CEP: 70.719-040
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br

**COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA**

Continuação do Parecer: 6.287.253

| | | | | |
|----------------|-----------|----------|--------|--------|
| Folha de Rosto | Folha.pdf | 14:32:33 | SANTOS | Aceito |
|----------------|-----------|----------|--------|--------|

Situação do Parecer:
Aprovado

BRASILIA, 08 de Setembro de 2023

Assinado por:
Lais Alves de Souza Bonilha
(Coordenador(a))